

ARTHUR AZEVEDO E MOREIRA SAMPAIO

---

# O BILONTRA

REVISTA FLUMINENSE

DO ANNO DE 1885

EM 1 PROLOGO, 3 ACTOS  
E 17 QUADROS

---

MUSICA DE DIVERSOS AUTORES

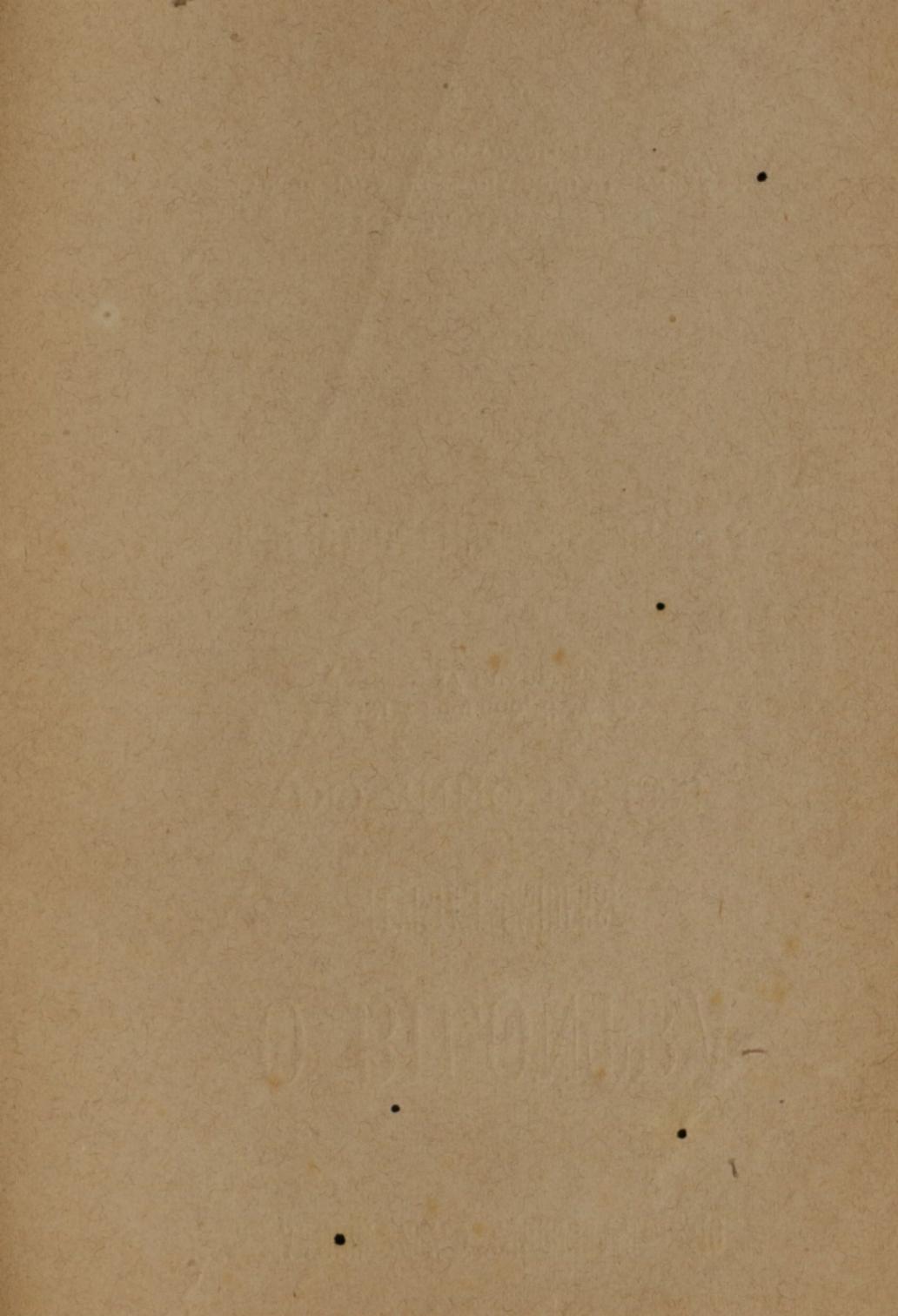


**RIO DE JANEIRO**

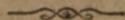
TYPOGRAPHIA DO — DIARIO DE NOTICIAS —

RUA DO OUVIDOR N. 118

1886

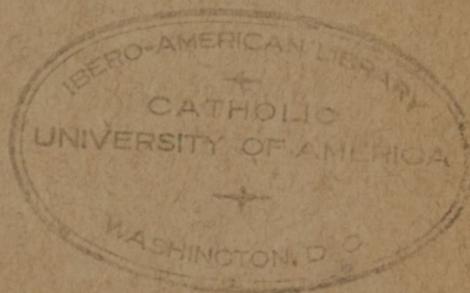


## DOS MESMOS AUCTORES.



O MANDARIM—Revista fluminense do  
anno de 1883, em 1 pro-  
logo, 3 actos e 14 quadros.

COCOTA—Revista fluminense de 1884,  
em 4 actos e 14 quadros.



PQ

9697

A95

B56

1886

6319.

## PERSONAGENS



Faustino.....	Sr. Colás.
O Trabalho.....	Sr. Gama.
O Commendador Campello.....	Sr. Martins.
Alexandre... ..	Sr. Eugenio Saenz.
Ribeirinho, O in- spectador, O En- trudo, Um titu- lar, O Conde de Monte-Christo, Bargossi, Um sujeito que anda á procura da companhia Montedonio, Um esqueleto, Um coroadado, 1º me- nino..... ..	Sr. Peixoto.
O xadrez, 1º Zé, O balão Julio Cezar, A Tra- gedia, Um em- prezario italia- no, O <i>Diario Portuguez</i> , 1º proprietario de cavallos, O poli- cia nocturno..	Sr. Santos Silva.

- O Jogo, O A., O  
 Dramalhão, Um  
 actor italiano,  
 O *Diario de*  
*Noticias*, 1º pro-  
 prietario de ca-  
 vallos..... Sr. Germano.
- Um doutor, Um  
 viajante, O Re-  
 creio da Cidade  
 Nova, Gambá,  
 sportman.... Sr. Felippe.
- Um cortesão, 1º  
 banhista, Rafa-  
 ni, O *Brazil*,  
 Um homem do  
 povo, Um  
 mestre-escola.. Sr. Mesquita.
- A n a c l e t o, Um  
 empregado do  
 Consulado Por-  
 tuguez, 2º Zé,  
 Um pae, O capi-  
 tão Voyer, 1º es-  
 pectador, Um  
 m a c a c o, Um  
 barraqueiro... Sr. Louro.
- José, 2º banhista,  
 3º Zé, Um  
 noivo, Um moço  
 de recados, 2º  
 proprietario de  
 cavallos..... Sr. José Maria.
- 2º caixeiro, 2º es-  
 pectador, Um  
 creado..... Sr. Canedo.
- Um vendilhão,  
 Um morcego,  
 Um creoulo... Sr. Langlois.

- Um senhorio, 4º  
 Zé, 1º empregado do theatro  
 S. Pedro de Alcantara..... Sr. Esperança.
- Um alfaiate, 2º  
 empregado do theatro S. Pedro  
 de Alcantara, O  
 contra-regra... Sr. Guimarães.
- 3º banhista..... Sr. Angelo.
- Um espectador... Sr. Fernandes.
- 2º sportman..... Sr. Ferreira.
- 2º menino..... Menino Pedro.
- Um genio que  
 pede esmolas  
 para as festas  
 da Independencia, 1º me-  
 nino rico..... Menino João.
- Jogatina..... Mlle. Rosa Villiot.
- A Ociosidade, A  
 Musa do Povo,  
 O Carnaval, A  
 Opera, A *Se-  
 mana*..... D. Herminia.
- Carolina..... D. Jacintha de Freitas
- Mlle. Grichard, A  
 Opereta, A *Re-  
 vue Commerciale, Financiere et  
 Maritime*... .. Mme. Blanche
- A Loteria, A Illus-  
 trissima..... D. Elisa.
- A Magica, Mme.  
 B a r g o s s i, A  
*Folha Nova*, A  
 abobora..... D. Candelaria.

Uma noiva, A ce- noura.....	D. Casemira.
1º caixeiro.....	D. Rosalia.
Uma actriz ita- liana.....	D. Delva.
A Vermelhinha, A Poule, A pre- ta dos pasteis, O Vispora, o Pacão, o Cam- bio, O <i>Genio do Fogo</i> , O burro de carga, A re- ligiosa besta, O cão sem dono, O gato escal- dado, O bode expiatorio, Um homem sem ca- beça (persona- gens mudos)..	N. N.

Credores, Cortesãos, Loterias, Deci-  
mos, Vigésimos, Banhistas, Urbanos,  
Morcegos, Capoeiras, Trabalhadores, Zés,  
Mascaras, Foliões carnavalescos, *Estu-  
diantes*, Caixeiros, Soldados, Jornalistas,  
Musicos, Bombeiros, As Horas, especta-  
dores, Auctoridades, Empregados do  
theatro S. Pedro de Alcantara, Sportsman,  
Proprietarios de cavallos, Hortaliças e  
Legumes, Barraqueiros, Fogueteiros,  
Meninos, Bichos, etc., etc.

—

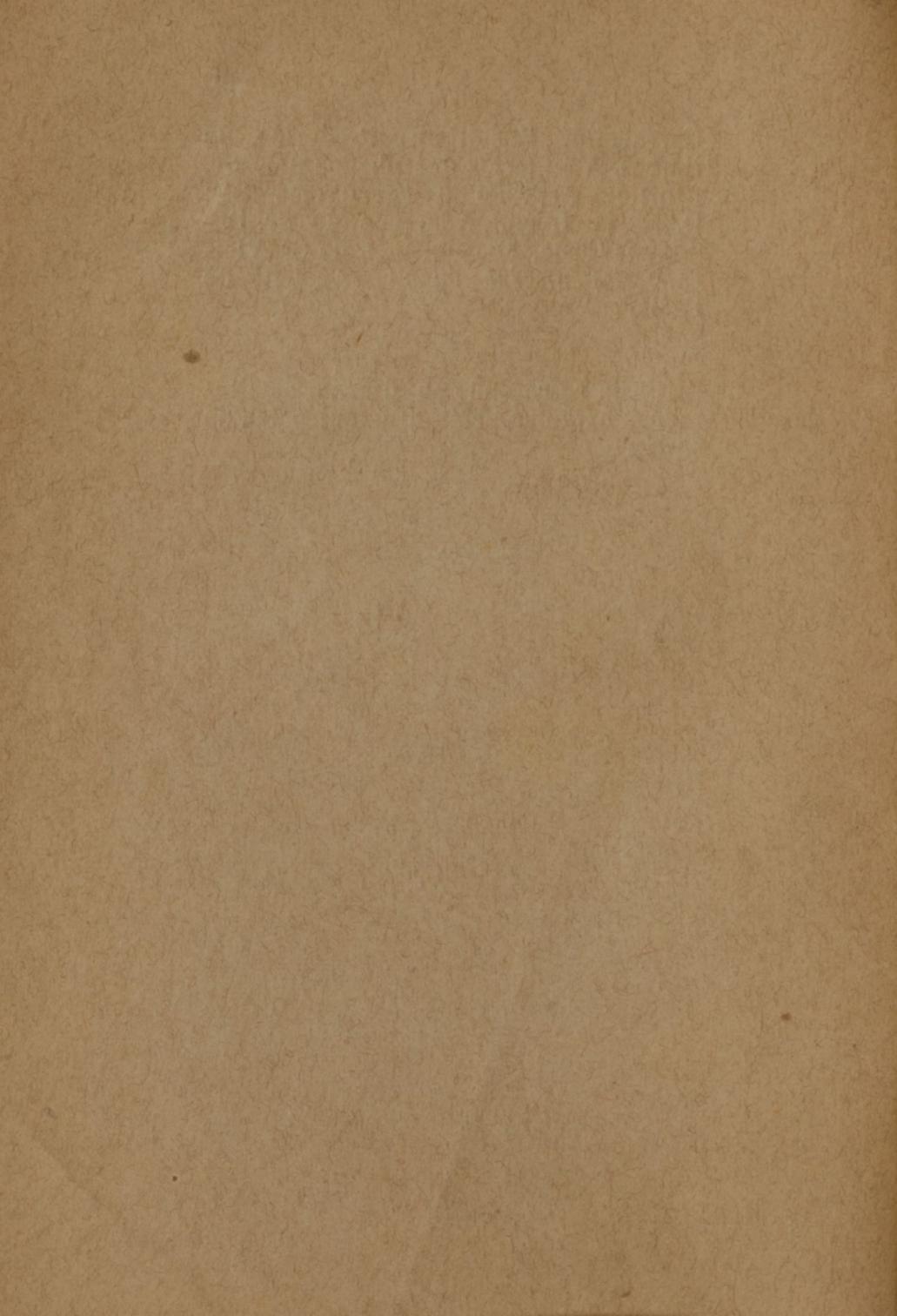
Musica de diversos auctores, coorde-  
nada, instrumentada e ensaiada pelo  
Sr. Gomes Cardim, regente da orchestra.  
Scenarios dos Srs. Orestes Coliva,

Carrancini, Zenotti e Frederico de Barros. Vestuários desenhados pelo Sr. Aluizio Azevedo e executados por D. Maria Lima. Adereços do Sr. Domingos Costa. Machinismos do Sr. Vieira. *Mise-en-scène* do Sr. Adolpho de Faria.

—

N'esta edição não se fizeram as alterações exigidas pelas conveniências de scena.





# PROLOGO



## QUADRO PRIMEIRO

Sala em casa de Faustino.

### SCENA PRIMEIRA

FAUSTINO, depois UM CRIADO.

FAUSTINO *dirigindo-se á esquerda.*— José! ó José!

O CRIADO, *entrando.*—Meu amo?

FAUSTINO.—Levaste a carta ao comendador?

O CRIADO.—Levei, sim, senhor.

FAUSTINO.—Que disse elle? Não mandou resposta?

O CRIADO.—Disse que viria cá ás duas horas e meia.

FAUSTINO.—O' diabo! (*Indo a puxar o relógio, que não encontra*). Esquecia-me de que o puz hontem no prégo.

O CRIADO.—Deram duas ha pouco.

FAUSTINO.—Bem, pódes retirar-te.

O CRIADO.—E o jantar?

FAUSTINO.—Que jantar?

O CRIADO.—O jantar p'ra gente.

FAUSTINO, *embaraçado*.—O jantar... oh! sim... o jantar... Homem, para fallar verdade, não tenho fome. (*Aparte*.) Nem com que matal-a.

O CRIADO.—Mas eu...

FAUSTINO.—Tu... comerás logo, em qualquer casa de pasto... depois que o commendador vier. Vae.

O CRIADO, *que vae a sahir, voltando*.—Ah! é verdade, vieram ha pouco dous homens, assim com modos de meirinhos...

FAUSTINO.—Heim? Meirinhos?!

O CRIADO.—Ou coisa parecida.

FAUSTINO.—Não estou em casa, estás ouvindo? Se voltarem, não estou em casa!

O CRIADO, *sahindo, aparte*.—Isto vae mal! Se as coisas não mudarem, piro-me! (*Sae*).

## SCENA II

FAUSTINO só, depois RIBEIRINHO e

ANACLETO.

FAUSTINO, *pensativo*. — Meirinhos... Não ha que vér: foi o senhorio! Foi elle com certeza! O senhorio ou o alfaiate... D'ahi, quem sabe? Talvez seja o maldito taverneiro... O taverneiro? Qual! E' o Souza! é o Souza da loja de calçado! Cuidado! é preciso que não me apanhem descalço. (*Apparecem ao fundo os dous meirinhos, que espiam cautelosamente*.) Só o commendador poderá salvar-me. Creio que não hesitará em emprestar-me os quinhentos mil réis que lhe mandei pedir.

RIBEIRINHO. — Vossa senhoria dá licença ?

ANACLETO. — Criado de vossa senhoria.

FAUSTINO, *aparte, succumbindo.* — Bonito !... (*Cae sentado n'uma cadeira.*)

RIBEIRINHO, *aproximando se.* — Vossa senhoria desculpe. mas nós viemos...

ANACLETO. — Por causa d'aquella conta...

RIBEIRINHO. — Da casa Souza & Companhia.

FAUSTINO. — Não disse ? E' o homem das botas ! — Então que pretendem ?

RIBEIRINHO. — E' boa ! Vossa senhoria está se fazendo de novas ! O importe...

FAUSTINO. — Oh ! uma miseria ! Duzentos e quarenta e sete mil réis, se me não falha a memoria.

RIBEIRINHO. — Perdão de vossa senhoria, mas... com as custas...

FAUSTINO. — Ah, sim, fui citado á semana atrazada.

RIBEIRINHO. — E apresentou attestado medico.

ANACLETO. — Mas não comparecendo á ultima audiencia...

RIBEIRINHO. — Foi condemnado a pagar...

ANACLETO. — Tresentos e oitenta e um mil réis.

FAUSTINO, *com um pulo.* — Heim ? que ? !...

RIBEIRINHO. — E então ? Citação, contra-fé, juiz, escrivão, procurador, official de justiça, mandado, etc., etc...

ANACLETO. — Principalmente etc., etc...

FAUSTINO. — Os senhores não podem esperar até depois das duas e meia ?

RIBEIRINHO. — Não, senhor ; temos ordem de proceder á penhora, o que vamos fazer immediatamente ! (*Tira do bolso papéis e prepara-se para proceder á penhora.*)

### SCENA III

Os mesmos, o CRIADO.

O CRIADO, *entrando*.—Meu amo, ahí vem o commendador. (*Aparte, vendo os dous meirinhos.*) Ui ! cá estão elles !

FAUSTINO.—O commendador ?! Corre ! Demora-o ! Traze-o só quando eu chamar !

O CRIADO. — Sim, senhor. (*Sae a correr*)

FAUSTINO, *a Anacleto*.—Senhor...

ANACLETO. — Anacleto do Espirito-Santo, criado de vossa senhoria...

FAUSTINO, *a Ribeirinho*.—Senhor...

RIBEIRINHO.—O Ribeirinho, para o servir. Não ha caloteiro que me não conheça ! Vossa senhoria é o primeiro que...

FAUSTINO, *entre os dous*.—Meus amigos, pelo amor de Deus não me deem a perder ! Escondam-se ! E' uma visita importante, que não os deve encontrar aqui.

Os DOUS.—Mas...

FAUSTINO.—Logo que o commendador sahir, vocês farão o seu dever. (*Tirando a corrente, que não tem relógio*).—Tomem ; é tudo quanto possuo. (*Aparte*.) E' de *plaqué*. (*Alto*.) Mas, pelo amor de Deus, escondam-se !

ANACLETO, *depois de examinar a cor-*

rente, e de consultar Ribeirinho com os olhos.—Onde ?

FAUSTINO. — Alli. n'aquelle quarto ! (*Empurrando-os.*) Depressa ! (*O commendador apparece ao tempo em que os dous se somem, e não os vê.*) Era tempo ! —Oh, commendador ! vossa excellencia quiz dar-se ao incommodo...

#### SCENA IV

FAUSTINO, COMMENDADOR, depois ANACLETO e RIBEIRINHO.

COMMENDADOR. — O senhor tem um criado muito fallador ! A puxar conversa... a puxar conversa... Dir-se-ia que não me queria deixar entrar.

FAUSTINO, *com um sorriso contrefeito.* — Ora, commendador ! essa agora ! E' costume d'aquelle animal ! Se eu ansiava pela vinda de vossa excellencia ! —Então, excellentissimo, queira sentar-se... (*Durante toda a scena, olha desconfiado para a porta por onde sahiram os meirinhos.*)

COMMENDADOR. — Obrigado ; mas desde que me negaram assento na Camara dos Deputados, nunca mais me sentei em parte alguma ! Só me hei de sentar quando fôr eleito ! Foi um voto !

FAUSTINO. — Vossa excellencia só teve um voto ?

COMMENDADOR. — Não ; foi um voto que fiz.

FAUSTINO. — Ah ! — Mas deve ficar excessivamente fatigado.

COMMENDADÔR. — Quando canço, deito-me. E' por isso que não faço visitas de

cerimonia. — Mas que tem o senhor ? Acho-o assim com ares de espantado !

FAUSTINO. — Não é nada... não é nada... E' um ar encanado, que vem d'aquella porta. Com licença. (*Vae fechar a porta e volta.*) Mas, como iamos dizendo... (*Senta-se e levanta-se logo.*) Desculpe-me, excellentissimo ! vossa excellencia de pé e eu sentado : que distracção !

COMMENDADOR. — Esteja á vontade : o senhor não fez nenhum voto, como eu.

FAUSTINO. — O caso é que vossa excellencia foi victima da mais clamorosa injustiça de que ha exemplo nos annaes da Cadeia Velha !

COMMENDADOR. — Que quer o amigo ? Fomos dous os eleitos pelo meu districto.

FAUSTINO. — Dous ?

COMMENDADOR. — Dous, sim, senhor : acha pouco ?

FAUSTINO. — Acho até de mais.

COMMENDADOR. — Tambem eu. — Eu fui o mais votado ; *ergo*, fui o eleito ; não ?

FAUSTINO. — Parece.

COMMENDADOR. — Mas o Lopes foi o reconhecido !

FAUSTINO. — Ora o Lopes !

COMMENDADOR. — *Ergo*, foi o eleito ; não ?

FAUSTINO. — Incontestavelmente. Mas qual dos dous teve o diploma ?

COMMENDADOR. — Ambos. O d'elle, passado pela junta apuradora, e o meu por dous juizes de paz. Temos, por consequente, dous eleitos. Qual deveria ser a consequencia logica d'essa dualidade ?

Serem ambos reconhecidos. Mas a lei não cogitou da hypothese de serem reconhecidos pelo mesmo districto dous ou tres deputados. Houve essa lacuna na idéa mãe. Entretanto, senhor presidente, que mal haveria no duplo ou no triplice reconhecimento? Nem ao menos accrescimo de despeza publica, porquanto cada um dos dous ou tres eleitos, representando metade ou um terço de deputado, venderia, em vez de cincoenta mil réis diarios, vinte e cinco mil réis ou dezesseis mil seiscentos e sessenta e seis réis!

FAUSTINO.—Mas o commendador em tal caso só teria direito á metade de um voto e talvez a um terço. (*Os meirinhos de vez em quando espiam pela porta, que entreabrem*)

COMMENDADOR.—Não elucidei ainda esse ponto. Fal-o hei na primeira occasião.—Ah! mas ficou-me uma satisfação: o meu partido, o conservador...

FAUSTINO.—Ah! vossa excellencia é conservador?

COMMENDADOR.—Fui. Fui conservador até o terceiro escrutinio. Hoje sou liberal, ultra liberal, meu caro Sr. Faustino... Liberal da velha guarda!

FAUSTINO.—Mas como ia dizendo: o partido...

COMMENDADOR.—Qual d'elles? Ah! sim...o conservador, ou antes, os meus ex-correligionarios não concorreram com o seu voto para a minha exclusão...

FAUSTINO.—Então porque mudou de politica?

COMMENDADOR.—Justamente por isso: para da outra vez obter os votos dos meus ex-adversarios. No mais, não... Razões de queixa não tive. O partido offereceu-me até, bem como aos outros sacrificados, um jantar de oitenta talheres no hotel do *Globo*.

FAUSTINO.—Oitenta! quanto mais se fossem reconhecidos!

COMMENDADOR.—Então o caso mudava de figura. Cada qual se contentaria com o seu talher na mesa do orçamento.

FAUSTINO.—Por fallar em orçamento: vossa excellencia trouxe...? (*Ouve-se no quarto barulho de louça que se quebra.*)

COMMENDADOR.—Que é isto? (*Saem do quarto, assustados, Anacleto e Ribei-rinho.*)

FAUSTINO.—Nada, commendador, não faça caso. (*Aparte.*) Diabos os levem! (*Alto.*) São dous amigos... (*Apresentando-os.*) O conselheiro Nobrega e o Dr. Nobrega Junior, seu irmão... O Sr. commendador Campello...

COMMENDADOR, *desconfiado*.—Não conheço.

FAUSTINO.—Oh! não conhece vossa excellencia outra coisa! O conselheiro Nobrega, velho advogado no nosso fôro, onde honestamente adquirio fortuna.

COMMENDADOR.—Ah!

FAUSTINO.—Tem se distinguido muito por sua philantropia. (*Baixo a Anacleto.*) Não me desminta!

ANACLETO, *protestando*.—Oh! vossa senhoria...

FAUSTINO.—Ainda ultimamente fez um

importante donativo para o Asylo da Candelaria.

ANACLETO.—Uma bagatella! (*Os dous meirinhos sobem ao fundo, dando-se arez.*)

COMMENDADOR, *baixo a Faustino*.—Póde ser que sejam grande coisa; mas a mim quer-me parecer que, com aquelles amigos, o Sr. está livre de uma penhora.

FAUSTINO.—Como se engana!

COMMENDADOR, *vendo as horas*.—Bem, deixo-os a gosto. (*Vae a sahir.*)

FAUSTINO.—Perdão; mas a carta que tive a honra de...

COMMENDADOR.—Respondo em duas palavras. Não disponho actualmente da quantia que me pede...mas, se precisa de dinheiro e quer fazer um bom negocio... Como me disse que era amigo do ministro...e eu tenho um enorme desejo, confesso, de...de ser barão... arranje-me o titulo, e depois conversaremos.

FAUSTINO.—Oh! mas vossa excellencia...uma influencia politica!

COMMENDADOR.—Não quero pedir certas coisas...e depois, ainda não tomei pé no meu novo partido. Adeus, e desculpe. Obtenha-me o titulo e appareça. (*Sae, comprimentando os dous meirinhos com muita cerimonia.*)

#### SCENA V

Os mesmos, menos o COMMENDADOR, depois o ALFAIATE, o SENHORIO, o VENDILHÃO e outros CREDORES.

FAUSTINO.—Vocês iam deitando tudo

a perder ! Filam-me uma corrente de ouro de lei, e vêm sem ser chamados!

RIBEIRINHO.—Perdão, mas um gato que estava sobre a commoda, assustado com a nossa presença, saltou em cima do lavatorio e quebrou a bacia...

FAUSTINO.—Mais este prejuizo...

ANACLETO—... para os credores.

RIBEIRINHO.—Nós, que não esperavamos pelo gato...

ANACLETO.—Vossa senhoria bem vê que... (*Entram os credores.*)

CÔRO DE CREDITORES.

(*Musica de Gomes Cardim*)

E' já pagar  
Sem mais tardar !  
Venha dinheiro  
O' caloteiro !  
O cobre já  
Venha de lá !

RIBEIRINHO E ANACLETO.

Oh ! meu Deus ! p'ra que tanto barulho!  
P'ra que serve gritar ?

OS CREDITORES.

Vae haver um grande sarrabulho !  
Ou ha de já pagar,  
Ou damos-lhe a matar !

FAUSTINO.

Quero pagar ; porém  
Não tenho aqui vintem !

O ALFAIATE.

Tu para cá vens de carrinho !

O SENHORIO.

Eu quero já o meu rico dinheirinho !

OS CREDORES.

Zombar assim de nós não tem logar !

Ou paga o que nos deve, ou damos-lhe a matar !

E' já pagar, etc.

SENHORIO.—Então mudava-se sem me pagar ?!

VENDILHÃO.—Ao menos previne-se a gente !

FAUSTINO.—Mudar-me, eu ?!

ALFAIATE.—De certo ; estão as carroças á porta.

FAUSTINO.—As carroças ?! N'esse caso, mudam-me, não sou eu que me mudo !

RIBEIRINHO.—Somos nós, em virtude d'este mandado...

TODOS.—Uma penhora ! E nós ?!

RIBEIRINHO.—Vossas senhorias usem dos seus direitos, que nós usamos dos nossos. (*A Anacleto.*) Vamos ! Mãos á obra !...

ANACLETO.—Vou chamar os carregadores. (*Sae*)

FAUSTINO.—Como ? Sem mais formalidades ? Sem ao menos relacionarem os moveis !

VENDILHÃO.—Sem nada não fico eu ! (*Carrega um movel e sae.*)

RIBEIRINHO.—Mas, senhor !

ALFAIATE.—Nem eu ! (*Idem.*)

SENHORIO.—Quanto mais eu ! (*Idem.*)

OS OUTROS CREDORES.—E eu ! e eu !... (*Saem todos, carregando os moveis da sala e do quarto, onde entram. Anacleto tem*

*voltado com dous carregadores, que tambem levam o que pódem levar. Quadro muito animado. A sala fica completamente despida.)*

## SCENA VI

FAUSTINO, depois O TRABALHO.

FAUSTINO, só.—*Consummatum est.* Eis o ultimo canto de um miseravel poema que principiou no jardim do Sant'Anna, continuou n'um gabinete particular da *Maison Moderne*, e acabará... sabe Deus aonde! Em seis mezes metti o pão na minha legitima materna e no pouco que me deixou meu pae. Aqui estou eu orpham, sem protecção, sem emprego, sem officio, sem amigos, sem eira nem beira nem ramo de figueira. O commendador falhou: a quem devo recorrer?

O TRABALHO, *apparecendo*.—A mim!

FAUSTINO.—Oh! que figura é esta?! Quem és tu, e de onde vens?

TRABALHO.—Sou aquelle a quem nunca procuraste em tua vida.

FAUSTINO.—Isso sei eu... e a prova é que não te conheço.

TRABALHO.—Oxalá me conhecesses! Não chegarias onde chegaste!

FAUSTINO, *vivamente*.—Trazes me dinheiro?—Ah! já sei, és um usurario. Não importa; venha o cobre, seja qual fôr o juro!...

TRABALHO.—Dizes bem, trago-te dinheiro, ou antes, o meio de adquiril o com o meu auxilio!

FAUSTINO.—Desembucha de uma vez !  
Queres ser meu fiador ?

TRABALHO.—Nem sequer me conhe-  
ceste ainda. Eu sou...

FAUSTINO.—Um patifé, que ha cinco  
minutos zomba de mim e dos apuros  
em que me vejo!—Em summa: quem és?

TRABALHO.—O Trabalho! (*Projecta-se-  
lhe no rosto um raio de luz.*)

FAUSTINO.—O Trabalho! Ah! Ah!  
Ah! E' boa! Vae bater a outra porta,  
pae! Não é de trabalho que eu preciso:  
é de dinheiro. Dinheiro!—ouviste?

TRABALHO.—Commigo o ganharás.

FAUSTINO.—Nada! Dispensa! Vae-te!  
Levaria muito tempo, e eu preciso de  
dinheiro quanto antes. Muito dinheiro,  
a juro barato e prazo longo, como a  
lavoura.

TRABALHO.—Com que, desgraçado...

FAUSTINO.—Ora não me aborreças!  
Olha que para a mustarda subir-me ao  
nariz não é preciso muito!

TRABALHO.—Ameaças-me?!

FAUSTINO.—Ou dinheiro, ou rua!

TRABALHO.—Vem commigo, e d'aqui a  
oito ou dez annos...

FAUSTINO.—Oh, mariola! Divertes-te  
á minha custa! Já! Rua! (*Dá-lhe um  
pontapé.*)

TRABALHO, *levando a mão á parte of-  
fendida.*—Está bem, saio! Mas encon-  
trar-nos-emos ainda! Dia virá em que  
te arrependas amargamente do pontapé  
que deste no Trabalho! (*Vae a sahir.*)

FAUSTINO, *algum tanto arrependido.*—  
Olha, vem cá...escuta...(*Entra a Ocio-  
sidade.*)

## SCENA VII

Os mesmos, A OCIOSIDADE.

OCIOSIDADE.—Deixa-o ir... não te arre-  
penderás... Eu te salvarei!

FAUSTINO.—Caspité. Fallem-me d'isto!  
Comtigo irei até o inferno... logo que  
saiba quem és e o que desejas.

OCIOSIDADE.—Eu sou a Ociosidade!  
(*A scena fica repentinamente escura.*)

TRABALHO.—A mãe de todos os vícios!

OCIOSIDADE.—E de todos os prazeres!

TRABALHO.—Ao passo que eu sou o  
pae de todas as virtudes!

OCIOSIDADE.—E de todas as semsabo-  
rias.

FAUSTINO.—Safa! que tendes ambos  
a bossa paterna muito desenvolvida!

OCIOSIDADE.—Ouve...

## COPLAS.

## I

E' por intriga,  
Por balda antiga,  
Que me fustiga  
Este grande ratão ;  
Não me perdôa,  
Mas me magôa,  
Me amaldiçôa,  
Não sei porquê razão.  
Quem passa a vida  
De perna alçada,  
Sem fazer nada,  
Ha de ser bem feliz,  
Pois é negocio  
N'este paiz,  
Viver entregue ao santo ocio!  
(*Declamando.*) Assim pois...

Faustino, vem commigo já!  
 O que eu te dou ninguem te dá,  
 Nem te dará!

TRABALHO.—Agora eu, minha rica se-  
 nhora...

II

N'esta batalha  
 Quem não trabalha  
 Nem a mortalha  
 Ao menos póde obter;  
 E' condemnado,  
 E' reprovado,  
 Vituperado:  
 Só lhe resta morrer!  
 Foge ao perigo!  
 Se vens commigo,  
 Se és meu amigo,  
 Inda serás feliz!  
 Não é negocio  
 N'este paiz,  
 Viver entregue ao santo ocio!  
 (*Declamando.*) Por conseguinte...

Faustino, vem commigo já!  
 O que eu te dou ninguem te dá,  
 Nem te dará!

AMBOS.

Faustino, vem commigo já! etc.

FAUSTINO, á *Ociosidade*. — Decido-me  
 por ti que és bella!

OCIOSIDADE.—Vamos...

FAUSTINO.—Aonde?

OCIOSIDADE.—Ao Reino do Jogo! (*Sae,  
 levando Faustino.*)

TRABALHO. — Insensato! tudo farei  
 para salvar-te! (*Sae.—Mutaçõ.*)

**QUADRO SEGUNDO**

O reino do Jogo, scintillante de ouro  
e luz.

**SCENA PRIMEIRA**

UM CORTESÃO, Cortesãos, depois  
O Jogo.

CÔRO DE CORTESÃOS.

Espera na sala de espera o emmissario,  
Que vem tratar de um caso extraordinario !

Vamos saber incontinentemente  
Qual a rasão que o trouxe cá ;  
Assumpto sério é certamente  
Que o nosso rei decidirá,  
—E' talvez uma bagatella...  
Não vale a pena fallar n'ella.

O Jogo, *entrando*.

COPLAS.

I

Sou nada menos, do que um rei,  
Sou nada menos que um monarcha,  
E não receio a escura parca,  
Pois nunca a bota baterei.  
Sei dirigir a traquitana,  
Governar sei o meu paiz ;  
Não sou p'r'ahi nenhum banana ;  
Se o sou, porém, ninguém m'o diz.

Côro.

Não é p'r'ahi nenhum banana ;  
Se o é, porém, ninguém lh'o diz !

Jogo.

II

Eu baldo ao naípe nunca estou,  
Se as coisas vão embaralhadas ;  
Pois copas, ouros, páos, espadas,  
—Nenhum jámais me abandonou.  
A's ordens tenho varias tropas,  
Meus exercitos não são mãos !  
Eu sou aqui um rei de copas,  
E sou tambem um rei de páos !

CÔRO.

Elle é aqui um rei de copas,  
E elle é tambem um rei de páos !  
O Jogo, *que no fim das coplas tem  
subido a um throno.*—Estão todos ?

Todos.—Todos.

O CORTESÃO.—Não falta nenhum.

Jogo, *ao cortesão.*—Conselheiro, manda  
entrar 'o emmissario. (*O cortesão faz um  
gesto para fóra. Entra o Xadrez, que se  
prostra diante do throno.*)

SCENA II

Os mesmos, o XADREZ.

JOGO.—Ergue-te ! (*Reconhecendo-o.*)  
Olá ! o Xadrez ! o jogo aristocrata por  
excellencia ! (*Estendendo-lhe a mão.*)  
Tens licença para me apertares a mão.  
Aperta mais... mais... Basta ! — Que  
pretendes ?

O XADREZ.—Justiça !

JOGO.—Vae por ahí ; não pedes pouco.  
Justiça contra quem ?

XADREZ.—Contra a Jogatina !

JOGO.—Contra minha filha !

OS CORTESÃOS.—Oh !...

XADREZ. — Sim, contra tua filha! Depois que a déste ao mundo, o teu reino foi invadido por uma multidão de Jogos de infima especie, se é que tal nome mereça tal gentinha. Viviamos como os anjos, n'uma doce alegria imperturbavel. As classes sociaes estavam perfeitamente definidas. Eu, o Voltarete, o Whist, o Ecarté, as Damas, o Besigue, o Dominó, o Bilhar, e alguns mais, formavamos a classe aristocrata. O Gamão, a Bisca, o Solo, os Tres-Setes, e outros, formavam a burguezia honesta. O Burro e seus congeneres, a plebe. Os jogos de parada, á frente dos quaes se achavam o Lansquenet e o Baccarat, eram qualquer coisa como mediadores plasticos entre a aristocracia e a burguezia.

JOGO. — Uma especie de *demi-monde*...

XADREZ — Talvez. — Mas tua filha, fructo de um amor espurio e condemnado, nasceu, cresceu, e hoje, durante noites inteiras, deixa o teu palacio, e anda pelo reino a organizar uma nova camada social: — a canalha!

TODOS. — Oh!...

XADREZ. — Até hoje o reino tem supportado callado...

JOGO, *erguendo se com impeto e interrompendo-o*. — Heim? Callado, dizes tu?...

XADREZ, *attonito*. — Como?

JOGO. — Nada... lembrei-me de...  
(*Desce do throno e traz o Xadrez ao proscenio, mysteriosamente.*)

CANTO.

JOGO.

Pscio!

XADREZ

Pscio!

AMBOS.

Callado...

CÔRO

Pscio...

Callado...

JOGO.

Callado, sim, callado!  
 Não me parece averiguado  
 Que um coitado  
 Condemnado,  
 Sem ser ouvido nem cheirado,  
 Seja ou não culpado!

TODOS.

Callado...

Pscio!

JOGO, *subindo de novo ao throno e sentando-se.*—Continúa.

XADREZ.—Até hoje o reino tem supportado tudo sem tugir nem mugir. Mas a paciencia é como as nações: tem limites.

JOGO.—Comparação feliz!

XADREZ.—Os jogos aristocratas reuniram-se e deliberaram, depois de grande discussão, enviar-me á tua augusta presença, para pedir providencias immediatas e energicas. Deves comprehender, senhor, que eu, o Xadrez, um jogo fidalgo, cuja origem se perde na noite dos tempos; eu, que até já figuro na gazetilha do maior jornal da America do Sul...

JOGO.—Bem sei... bem sei que o *xadrez* ha muito tempo fornece materia para a gazetilha.

XADREZ.—O Whist, um jogo de princezas, o Voltarete, a gloria do baralho de cartas, e outros, não podemos viver de sucia com o Pacão, o Trinta e Um e a Vermelhinha. E' isso pretender casar o salão com a tarimba, o palacio com a espelunca!

JOGO.—Tens toda razão. Justiça vae ser feita. (*Ao cortesão.*) A princeza Jogatina que venha cá. (*O cortesão sae.*) (*A Xadrez.*) Vaes ver como esta casa cheira a jogo! A energia do teu rei ficará eternamente gravada na memoria do povo.

(*Xadrez inclina-se. Entra a Jogatina, acompanhada pelo cortesão que havia sahido.*)

## SCENA II

Os mesmos, JOGATINA, depois o VISPORA, e successivamente a POULE, a VERMELHINHA, a LOTERIA, a RIFA, o PACÃO, o CAMBIO, que apenas atravessa a scena. Jogatina entra com modos desenvoltos, que escandalisam a côrte.

JOGATINA.

COPLA.

A Jogatina eu sou!  
 Por'hi além contente vou!  
 A vida eu levo assim,  
 Que o mundo alegre é para mim.  
 Que importa que a Moral,  
 Não sei porque, me queira mal?  
 Hei de cantar e rir,

Não hei de nunca me affligir !  
Leviana sou, talvez ; porém  
Philosopho tambem !  
Quem se prostrar  
No meu altar,  
Será rico e feliz ;  
Fortuna dou,  
Benigna sou  
Até co'os imbecis.  
Eu sou fazenda papafina !  
Sem me adorar ninguem me vê ;  
Pois a princeza Jogatina  
Não ha negar que tem seu qué.

## CÔRO.

E' descarada a tal menina !  
Lições não ha quem mais lhe dê !  
O reino as casas illumina  
Se inda d'aqui bem longe a vê !

JOGO.—Bem ! Basta ! Não te mandei  
chamar para ouvir cantarolas !

JOGATINA. — Estou ás tuas ordens,  
papai.

JOGO.— Aproxima-te. Conheces este  
cavalheiro ?

JOGATINA, *desdenhosa*.—De vista.

JOGO — Pois devias conhecê-lo pes-  
soalmente, porque é o mais conspicuo  
dos meus vassallos. (*Xadrez inclina-se.*)  
Não te inclines : é a verdade.

JOGATINA.— Mas que tenho eu de  
commum com este sujeito ?

XADREZ, *vivamente*.—Nada, absoluta-  
mente nada !

JOGO.— Este (*frisando*) sujeito, que  
representa a classe mais sim senhor do  
reino, ou, para exprimir-me em bom

portuguez, o *high-life*, queixa-se, e com rasão se queixa, de que tu, minha serigaita, introduziste na sociedade uma camada perigosa e abjecta : a canalha !

JOGATINA.—Ora ! e foi para isto que me arrancaram da companhia dos meus amigos !

O CORTESÃO, *inclinando-se*. — Real senhor, perdôa se metto o nariz onde não sou chamado.

JOGO — Mette, mette, conselheiro ! O nariz de um cortezão goza de todas as immunidades !

CORTEZÃO. — Obrigado, magestade.— Parece-me, tambem a mim, que o Sr. Xadrez tem muita razão. E se vossa magestade quizer capacitar-se da verdade, ordene á princeza Jogatina que faça entrar n'esta sala os taes amigos, em companhia dos quaes se achava ainda agora nos seus aposentos. Elles ainda lá devem estar.

JOGATINA.—Pois não ! com todo prazer ! (*Indo á porta.*) Meus amigos, fazem favor ? Entre um por um, para ser facil a apresentação.

XADREZ, *aparte*. — Que cynismo !

(*Musica. A' medida que Jogatina os nomeia, os Jogos vão apparecendo. Jogatina toma-os pela mão e apresenta-os, declamando os seguintes versos.*)

JOGATINA.

Este é o famoso Vispora !  
 Já foi bem recebido  
 Dentro do lar domestico  
 Com toda a distincção...  
 Mas, afinal, o picaro

Deu em andar mettido  
Por espeluncas sordidas  
Que reprovadas são.

A Poule ! que magana !  
Com o pé de melhorar  
A raça cavallar,  
Esbodegando vae a raça humana.

Esta pequena sympathica  
E' a melhor amiga minha ;  
Dá que fazer á policia,  
E chama-se a Vermelhinha.

A Loteria,  
Velho jogo vagabundo,  
Que foi em Roma o regalo  
De Nero e de Heleogabalo,  
E que hoje em dia  
Ditosa vive  
Em toda a parte do mundo,  
A Nova Australia inclusive !

Eis a Rifa, joguinho matreiro,  
Oriundo dos tempos antigos,  
Conhecido no Rio de Janeiro  
Pelo nome de «Acção entre amigos».  
JOGO.—Que gente !  
XADREZ.—Quando eu digo...

#### JOGATINA.

Um jogo apparece agora  
Que não tem nada de mão ;  
Nos quarteis floresce e mora,  
E tem por nome—o Pacão.

Jogo.—Este é que se póde chamar um  
jogo de parada. (O Pacão é representado  
por um soldado.)

## JOGATINA.

Agora vou mostrar-vos um sujeito,  
 Cuja pessoa é muito respeitada,  
 Sendo, allião, tão digna de respeito  
 Como dos jogos a peor cambada.

*(Aparece o Cambio, que atravessa a scena encolhendo-se, isto é, tornando se mais baixo sempre, á medida que Jogatina profere a palavra «Desce».)*

Eil-o que passa. E' o Cambio! Esse bandalho  
 Que desce, desce, desce, e desce, e mais,  
 E faz com que alguns ganhem sem trabalho  
 E muitos percam grandes capitaes.

JOGO.—Então aquelle vae-se embora?  
 CORTEZÃO.—Ah! o Cambio não pára...  
 Tem sempre muito que fazer. *(Cessa a musica.)*

XADREZ.—Está feita a apresentação?  
 Faltam ainda muitos!

JOGATINA.—Muitissimos, porém só  
 estes se achavam ainda agora em minha  
 companhia. *(Os recémchegados estão alinhados a um lado da scena.)*

JOGO.—Atenção!

TODOS.—Atenção!

JOGO.—Princeza, ha muito tempo que  
 o teu modo de vida me poz a pedra no  
 real sapato e a pulga atraz da orelha  
 Augusta. Ha muito tempo que eu preten-  
 dia exercer sobre a tua execranda pes-  
 soa a minha dupla autoridade de sobe-  
 rano e de pae. De hoje em diante não  
 escandalisarás o meu reino! Tens um  
 quarto de hora para escolheres um exi-  
 lio, e te preparares para a viagem!

JOGATINA, *protestando*.—Mas...

JOGO, *erguendo-se com violencia*.—Nem mais uma palavra! (*Descendo e examinando os Jogos*.) Quanto a estes pulhas, que introduziste no reino, saberei, pois que nãc são principes, livrar-me d'elles ainda com mais facilidade do que me livro de ti, que, afinal de contas, és princeza!

XADREZ, *declamando*.

Nem era de esperar que um rei tão sabio Procedesse jámais de outra maneira!

JOGO.—Agradeço a citação litteraria, e espero que estejas plenamente satisfeito.

XADREZ.—Satisfeitissimo, senhor.

JOGO.—Então não me amolles...Vae-te embora, e dá lembranças ao Voltarete. (*O Xadrez inclina-se, e sae. O Jogo sae pelo outro lado, e os cortezãos acompanham-no, com um motivo do ultimo côro na orchestra.*)

JOGATINA, *aos Jogos*. — Deixem-me! (*Vão todos a sahir.*) Tu, Loteria, fica. (*Saem todos os Jogos, menos a Loteria.*)

### SCENA III

JOGATINA, a LOTERIA.

JOGATINA.—Que dizes a isto? Que escolha um exilio; mas qual? Onde a Jogatina encontrará um povo tão mal educado, que a tolere? Estou devéras embaraçada... Malditos aristocratas! Raça infame de hypocritas!—Mas tu não me dizes nada?... não me acon-

selhas?...Mandei que ficasses por seres a mais intelligente, e não arranco dos teus labios uma palavra sequer!

LOTERIA.—Pela machina Fichet! que queres tu que te eu diga? Não és tu a minha directora?—Ah! mas vejo que se dirige para este lado alguém que pôde aconselhar-te.

JOGATINA.—Quem?

LOTERIA.—Tua mãe.

#### SCENA IV

As mesmas, a OCIOSIDADE, depois FAUSTINO, depois as LOTERIAS, OS DECIMOS e OS VIGESIMOS, depois OS CORTESÃOS.

OCIOSIDADE.—Dás licença?

JOGATINA, *indo abraçal-a e trazendo-a para a scena*.—Oh, mamãe! pois precisas pedir licença?

OCIOSIDADE.—É' que não venho só.

JOGATINA.—Os teus amigos meus amigos são.

OCIOSIDADE.—Sim; mas é que teu pae já não quer saber de mim...e então...tenho escrúpulos...

JOGATINA.—Escrúpulos? Será a primeira vez. Papae está realmente ficando um máo jogo. Acaba n'este momento de me expulsar do reino... Intrigas dos aristocratas...

OCIOSIDADE.—Eu já previa isso mesmo. O Jogo e a Jogatina não podiam viver juntos. E que pretendes fazer?

JOGATINA.—Não sei ainda; o tempo passa, e dentro de um quarto de hora devo escolher o logar do meu exilio.

OCIOSIDADE.—Não tens que hesitar :  
o Rio de Janeiro !

JOGATINA —Achas ?

OCIOSIDADE.—Fixei alli o meu domicilio. Dou-me perfeitamente com o clima... Tenho lá muitas relações e sou muito considerada. A ti não te faltarão elementos para lá exerceres poder absoluto. Não podes escolher melhor.

LOTERIA.—Pelo menos, sei que os fluminenses dão o cavaquinho por loterias.

JOGATINA.—Devéras ?

LOTERIA.—Adoram-nas. Não ha terra em que eu tenha tantos proselytos ! Todos os dias anda a roda, quando não anda duas vezes no mesmo dia ! Eu no Rio de Janeiro sou moda, sou febre, sou delirio ! Tudo lá é pretexto para loterias ! Emancipação ? Loterias ! Obras n'uma egreja ? Loterias ! Asylos de caridade ? Loterias ! Montepio ? Loterias ! Tudo loteria ! Todas as provincias jogam ! Do sul ao norte loterias e mais loterias ! Pará, Pernambuco, Alagôas, Bahia, Paraná, Santa Catharina, Rio Grande do Sul, cada qual tem a sua loteria ; mas quem paga o pato é a côrte, que dá sahida a todas ellas !

JOGATINA.—Decididamente é um povo que me convem ! As loterias, assim repetidas, são infallivel symptoma de dissolução social. Em parte alguma pode a Jogatina estar melhor que n'uma sociedade que se esphacela. Vou para o Rio de Janeiro !

OCIOSIDADE.—E lá desempenharás, nas horas vagas, já se sabe, uma commissão que muito me interessa.

JOGATINA.—E é...? (*Ociosidade faz um gesto para fóra: entra Faustino, que ella toma pela mão.*)

OCIOSIDADE.—Proteger este mancebo!

FAUSTINO, *deslumbrado*.—Como isto aqui é lindo!

JOGATINA.—A tua mão!

FAUSTINO.—Eil-a! (*Aparte.*) Fallem-me d'isto!

JOGATINA.—Somos alliados!

FAUSTINO.—Dar-me-ás fortuna?

JOGATINA.—Veremos.

FAUSTINO.—Como obtel-a?

JOGATINA.—Por muitos meios. (*Mostrando a Loteria.*) A Loteria, por exemplo.

FAUSTINO.—Um...As loterias da minha terra nunca me tentaram.

LOTERIA.—Que dizes?! Oh! naturalmente não as conheces! Não posso consentir que julgues mal de minhas filhas! —Appareçam, meninas! (*Musica. Apparecem as Loterias Brasileiras, acompanhadas por Decimos e Vigésimos.*) Gaba-se aquelle mortal de que vocês nunca o seduziram.

LOTERIAS.—Oh!

LOTERIA.—Quebrem-lhe a castanha na bocca!

#### BAILADO E CÓROS.

(*Musica de Tristão dos Santos.*)

(*As Loterias cercam Faustino, tomando as mais graciosas posições.*)

#### LOTERIAS.

Bello mancebo pallido,  
Tu vaes reconhecer

N'este momento magico  
Nosso immortal poder !

FAUSTINO.

Lindas são  
Sem questão !  
Nunca vi  
Tanta huri !

LOTERIAS.

Bello mancebo pallido, etc.

*(Entram os cortesãos com um movimento de dansa.)*

CORO DE CORTESÃOS.

Oh ! que dia de jubilo !  
El rei Nosso Senhor  
A Jogatina exotica  
Bem longe manda pôr !

*(Cantínua um tremolo na orchestra até o galope final.)*

UM CORTESÃO.—Princeza Jogatina, o rei, teu pae, manda-me á tua presença, para acompanhar-te até fóra do reino com esta luzida escolta de cavalheiros. —Manda, outro sim, que, em signal de regosijo pela tua ausencia, gyre a roda da fortuna, que só gyra nas grandes occasiões ! *(Sobe o panno do fundo e vê-se a roda da Fortuna gyrando vertiginosamente.)* E agora, a galope !

TODOS.—A galope ! *(Grande galope final. Cae o panno.)*



# ACTO I



## QUADRO TERCEIRO

A rua do Passeio, no espaço comprehendido pelo muro do convento da Ajuda.

### SCENA PRIMEIRA

COMMENDADOR, CAROLINA, ALEXANDRE,  
BANHISTAS.

*(E' ao alvorecer. Durante todo o quadro passam individuos que vão ou voltam do banho. Algumas senhoras de cabellos soltos e toalhas aos hombros, etc.)*

COMMENDADOR, *entrando apressado e atravessando a scena.*—Vamos, são horas, o sol está quasi sae não sae, e banho de mar com sol não é commigo.

CAROLINA, *entrando, seguida por Alexandre.*—Deixe-se d'isso, primo Xandico; nós não temos nada que conversar.

ALEXANDRE.—Mã! sempre a mesma!

CAROLINA.—Você é que é sempre o mesmo; mas vamos depressa, que papae já vae longe.

ALEXANDRE.—Vamos, dê cá o braço.

CAROLINA.—Não dou! Que homem,

gentes ! (*Sahindo.*) Você ha de acabar por fazer que eu não saia em sua companhia. Ora dá-se ! (*Sae, acompanhada por Alexandre.*)

## SCENA II

FAUSTINO, JOGATINA, vestida de rapaz ;  
depois o INSPECTOR e DOUS URBANOS.

JOGATINA, *entrando a correr.*—Vem !

FAUSTINO, *idem.*—Já não posso correr !

JOGATINA.—Aqui ficamos ao abrigo de todas as perseguições.

FAUSTINO.—Achas?

JOGATINA.—Com certeza ; a freguezia do Sacramento já está longe.

FAUSTINO.—Bem se vê que não conheces o Borges !

JOGATINA.—Pois julgas tu que haja alguém que eu não conheça ? Ora vae passear ! Tu é que me não conheces !

## COPLAS.

## I

E' bem tolo o que imagina  
Que a princeza Jogatina  
Para os homens conhecer  
Necessita os homens ver.  
Se assim fosse, era ocioso  
Meu poder mysterioso,  
Pois bastava-me, afinal,  
Ser uma simples mortal.

Meu querido

Protegido !

Vê tu lá

P'ra quanto vale a que aqui está !

## II

Eu conheço fidalguia,  
Clero, povo e burguezia,  
E na classe militar  
Sou bastante popular.  
Entretanto, meu pichote,  
E' preciso que se note :  
Muitos ha com quem me dou,  
Mas não sabem quem eu sou.  
Meu querido etc.

O INSPECTOR, *entrando, acompanhado por dous urbanos.*—Olá! cá estão os melros! Bem disse eu que não me escapavam!

FAUSTINO.—Bonito! ahi está o que querias!

INSPECTOR, *aos urbanos.*—Prendam aquelles sujeitos!

FAUSTINO.—Prender-nos a nós? Menos essa! Qual foi o nosso crime?

INSPECTOR.—Não tenho que dar *satis-fas*: o poder é o poder, disse alguém que podia. A policia está disposta a não poupar as casas de jogo. Vamos!

FAUSTINO.—E se pagarmos a multa?

INSPECTOR.—O caso muda de figura. São quatro mil réis por cabeça.

JOGATINA.—Não faz isso por menos?

INSPECTOR.—Não senhor: preço fixo e dinbeiro á vista.

FAUSTINO.—Hum... isso é que é o diabo!

JOGATINA.—Tratando-se de duas pessoas, bem podia fazer um abatimento-sinho...

INSPECTOR.—Não posso, creia que não

posso... Já dou pelo custo... (*Emendando.*) Quero dizer: é o preço da lei.

FAUSTINO. — O homem de vez em quando esquece-se de que é autoridade, e só se lembra de que é negociante.

JOGATINA. — Então? nem sendo por atacado?

INSPECTOR. — Nada! Quatro mil réis!

FAUSTINO. — Vá lá, não ha remedio. (*Tirando do bolso do collete uns nickeis e algumas notas de quinhentos réis.*) O peor é que só tenho tres mil e setecentos... Tome; no principio do mez darei o resto.

INSPECTOR. — Ai, que o amigo quer divertir-se! Olhem que quando estou com o metro... quero dizer: com a vara... não brinco!! (*Aos urbanos.*) Vamos!

JOGATINA. — Está bem, não se zangue. Aqui estão os quatro mil e tresentos que faltam.

INSPECTOR, *recebendo o dinheiro.* — Ah! isto agora sim! Querem recibo?

JOGATINA. — Não é preciso.

INSPECTOR. — Nem eu o dava.

FAUSTINO. — Risque o nosso nome do borrador, e passe bem.

INSPECTOR, *tirando o chapéo e cumprimentando.* — Quer como auctoridade, quer como negociante, sempre ás ordens da freguesia. (*Espirra.*)

JOGATINA. — *Dominus...*

INSPECTOR. — Não faça caso, constipeime... Corre aqui um ar...

FAUSTINO. — Não deve estranhar, porque é um ar marinho.

INSPECTOR, *aos urbanos.* — Vamos! (*Sahem, o inspector andando muito li-*

geiro, e muito devagar os urbanos, que durante a scena levaram a dormir de pé, só despertando ás duas vezes em que o inspector disse «Vamos!»)

FAUSTINO.—Maldito vispora! Estamos sem vintem.

JOGATINA.—Não tens meio de arranjar dinheiro?

FAUSTINO.—Tenho um só, mas muito arriscado. (*Jogatina faz um gesto de furtar.*) Pouco mais ou menos...

JOGATINA.—De que se trata?

FAUSTINO.—De arranjar um titulo de barão; e o unico meio que tenho de arranjar-o, é forjal-o!

JOGATINA.—Falsifical-o!

FAUSTINO.—Invental-o!

JOGATINA.—Bravo! vaes arranjar-o, forjal-o, falsifical-o, invental-o sem perda de um momento!

FAUSTINO.—Eu?

JOGATINA.—Tu, sim...deixa o resto por minha conta. Ao meio-dia vae ter commigo no logar costumado; mas, se não lebares commigo o titulo arranjado, forjado, falsificado e inventado, melhor será que não me appareças! Adeus! (*Sae.*)

### SCENA III

FAUSTINO, depois o TRABALHO, que ouve parte do dialogo quando passa pelo fundo, vestido de operario, e levando a sua ferramenta.

FAUSTINO.—Diabos levem a policia! Justamente quando a sorte ia mudar, é que a maldita cercou a casa! Oh! mas

deixem estar que a caipora não ha de durar eternamente!

TRABALHO.—Ha de durar enquanto me evitaes!

FAUSTINO.—Olá! o meu amigo dos manjericões! Hoje a encadernação é mais barata, hein?

TRABALHO.—Hoje sou um operario, e vou para a officina excitar o brio dos que se acharem ao meu lado! Enquanto tu passavas a noite n'uma espelunca, para ganhares, ao cabo de muitas horas, metade da somma que o trabalho honesto poderia render em menos tempo, o operario dormia, refazendo as forças para recommençar no dia seguinte a tarefa da vespera. (*Dando-lhe uma peça da ferramenta.*) Toma! Vem comigo!

FAUSTINO.—Tira isso para lá! Que mania!... Não me aborreças! Pódes ser muito boa pessoa, mas és bisbilho-teiro e massante! Não me dirás o que poderei ganhar com esse ferro?

TRABALHO.—Pelo menos honra!

FAUSTINO.—...e calos. E, calos por calos, antes pregal-os que apanhal-os.

TRABALHO.—Essa maxima é digna de ti. Os calos são os anneis do operario.

FAUSTINO.—Anneis que não vão ao prego, viva! Sabes que mais? Vou para a cama!

TRABALHO.—E eu para o Arsenal!  
(*Saem—cada um por seu lado.*)

## SCENA IV

BANHISTAS, que entram em confusão, entre elles, o COMMENDADOR, com roupa de banho, ALEXANDRE e CAROLINA, esta de cabellos soltos e toalha nos hombros. Grande panico em todos os personagens.

CÔRO.

( *Musica de Gomes Cardim* ).

Que tintureira !  
Bicho maior eu nunca vi !  
D'esta maneira  
Eis-me a tremer de medo aqui !

COMMENDADOR.

Que tintureira !

CÔRO.

Que tintureira !

ALEXANDRE.

Que tintureira !

CÔRO.

Que tintureira !  
Bicho maior eu nunca vi, etc.

1º BANHISTA.—Eu vi a tintureira !

2º BANHISTA.—E eu ! Que enorme !

3º BANHISTA.—Era do tamanho da torre da Candelaria !

4º BANHISTA.—Exageras, Gaudencio... seria do tamanho da torre do Carmo, quando muito.

3º BANHISTA.—Nada ! ao Boqueirão não volto eu !

CAROLINA.—Eu bem senti uma coisa me puxar o pé!

ALEXANDRE, *aparte*.—Não era a tinteira!

COMMENDADOR.—Pois sim, mas eu não posso ir assim para casa! Que diriam, se vissem um liberal da velha guarda por essas ruas em trajos de banho?—O' Alexandre, fica com tua prima... esperem-me, que eu vou vestir-me.

CAROLINA.—Não se demore muito, papae. (*Sae o Commendador. Saem os banhistas a pouco e pouco, de modo que, na occasião do canto, só estejam em scena Alexandre e Carolina.*)

## SCENA V

ALEXANDRE, CAROLINA, depois o  
COMMENDADOR.

ALEXANDRE.—Vamos nós dar um gyro pelo Passeio Publico emquanto o velho não vem?

CAROLINA — Eu? Você está doido, primo Xandico! Você pensa que ainda está na Europa! Eu sosinha com você no Passeio Publico! Deus me livre!

ALEXANDRE.—Bem se vê que está apaixonada pelo tal Faustino. E' o meu aza-negra aquelle bilontra! — Olhe, prima Carola, eu não lhe queria dizer nada, porque sei que você não ha de gostar; mas, como quem o seu inimigo poupa ás mãos lhe morre, lá vae...

CAROLINA.—Lá vae o que?

ALEXANDRE.—Ouça. O tal Faustino foi esta noite apanhado pela policia n'uma casa de tavolagem.

CAROLINA.—Não póde ser ! Você vio ?

ALEXANDRE.—Não ! disseram-me...

CAROLINA.—Quem ?

ALEXANDRE.—O Gaudencio, um amigo que encontrei no Boqueirão.

CAROLINA.—Ora ! são intrigas...

ALEXANDRE.—Ao passo que eu, prima Carola, não tenho vícios, e estou bem empregado. (*Commovido.*) Quando você era pequenina, gostava muito de mim e me chamava seu noivo. Maldito o momento em que meu pae mandou educar-me na Europa, afastando-me de você ! Oh ! mas ainda espero em Deus alcançar no seu coração o lugar indevidamente occupado por aquelle bilontra !

CAROLINA.—Já é a segunda vez que você o chama bilontra ! Que vem a ser bilontra ?

ALEXANDRE.— Ah ! não sabe ? Pois ouça...

RONDÓ.

( *Musica de Abdon Millanez* ).

Se quer saber o que é bilontra,  
E' bom que saiba, antes do mais,  
Que esta palavra não se encontra  
No dictionario de Moraes.

A bilontrage é sacerdocio  
Que cada qual póde exercer ;  
Entre o pelintra e o capadocio  
O meio termo vem a ser.

Póde o bilontra ser um velho,  
Póde tambem ser um fedelho ;  
Mas o modelo mais commum  
E' o garnizé que se emancipa,  
E que a legitima dissipa

Ao completar os seus vinte e um.  
 Typo de calças apertadas,  
 Chapéo de fitas espantadas,  
 Em cada pé bico chinez ;  
 Póde apostar, ó prima, contra  
 O que quizer que elle é bilontra,  
 Se bem que finja ser inglez...

COMMENDADOR, *voltando*. — Prompto !  
 ALEXANDRE.—E a tintureira ?

COMMENDADOR.—Desappareceu, dizem,  
 sei lá ! Pelo sim pelo não, o filho de meu  
 pae não volta ao banho ! E não se trata  
 só da tintureira: patifes ha que se apre-  
 sentam na praia indecentemente traja-  
 dos, e escandalisam as familias ! Eu sou  
 liberal de principios ; mas façam-me  
 subdelegado d'esta freguezia, e verão!  
 —Vamos para casa.

## SCENA VI

Os mesmos, o EMPREGADO DO CON-  
 SULADO.

EMPREGADO, *entrando esboforado e di-  
 rigindo-se ao Commendador*. — Perdão,  
 meu caro senhor: não vio por aqui o  
 senhor Borges ? Disseram-me que tinha  
 vindo para este lado. Preciso da po-  
 licia quanto antes !

COMMENDADOR. — Aconteceu alguma  
 desgraça ?

EMPREGADO. — E que desgraça ! Os  
 ladrões...

COMMENDADOR, *assustado*. — Ladrões ? !  
 Ai!...

EMPREGADO. — ... penetraram esta  
 noite... arrombaram...

COMMENDADOR E ALEXANDRE. — Aonde?... o que?... Acabe!...

EMPREGADO.—O Consulado!

TODOS.—Um roubo no Consulado!

EMPREGADO.—E que roubo!... e que rombo!... Tresentos contos!...

COMMENDADOR.—Não seria gente de casa?

EMPREGADO.—De casa? Qual o que! Em casa só ficamos ratos!

COMMENDADOR.—Justamente por isso..

COPLA.

Onde houver vil metal luzente  
 Ha sempre ratos de dous pés;  
 Dona Policia ultimamente  
 Caçou de balde uns oito ou dez...  
 Agora todas as semanas  
 Desfalques ha com profusão;  
 Mas fogem logo as ratazanas,  
 Ninguem lhes pôde pôr a mão!  
     Sem tujir,  
     Nem mugir,  
 Lá vão, sem passaporte!  
     Habitar,  
     Povoar  
 A America do Norte!

EMPREGADO.—Ora, onde encontrarei o homem, para abrir o inquerito? Vou até o armarinho... Passassem bem, meus senhores... minha senhora... (*Sahindo.*) Ora onde se metteria o Borges? (*Sae.*)

COMMENDADOR. — Consolado ficou o ladrão. (*Ouvem-se marteladas e pancadas de alavanca, dadas por traz do muro do convento.*)

ALEXANDRE.—Que bulha é esta?

COMMENDADOR. — Sei lá! Serão as freiras?

CAROLINA.—Ellas, coitadinhas!

COMMENDADOR.—Ah! não! já sei: são os empzarios da nova rua, que estão deitando o muro do convento abaixo.

CAROLINA.—Credo! que falta de religião!

COMMENDADOR.—Qual religião! qual carapuça! Eu sou liberal da velha guarda!

ALEXANDRE.—Meu tio, olhe que ha liberaes da velha guarda e liberaes da Guarda-Velha. Foram estes que autorisaram o escandalo.

COMMENDADOR.—Ora adeus! para que as freiras querem chacara?

ALEXANDRE.—Para que quero eu o meu relógio?

CAROLINA.—Tem razão, primo Xandico. Vamos embora, papae... não quero presenciar este attentado!

COMMENDADOR.—Vamos lá! (*Sahindo a fallar sempre.*) E' que quando eu digo que sou liberal da velha guarda... (*Não se ouve o resto. A scena fica vasia.*)

CÔRO DE DEMOLIDORES (*fóra*).

(*Musica de Gomes Cardim*)

Caia o muro do convento  
 Que não serve para nada,  
 E appareça n'um momento  
 Rua nova e bem calçada.  
 Caia o muro! caia! caia!  
 Derribal-o é privilegio!  
 Sobre todos nós recaia  
 Tão nefando sacrilegio!

CÔRO DE FREIRAS (*longinquo.*)

Nossa Senhora da Ajuda,  
Vê tu que profanação!  
Não temos quem nos acuda,  
Nem quem nos estenda a mão!

(*Juntam-se os dous côros em concertante.—O muro tem cahido aos poucos. No fim do côro desaba completamente, deixando ver toda a rua do Senador Dantas.*)

## QUADRO QUARTO

A rua do Senador Dantas.

SCENA PRIMEIRA

O DOUTOR, TRABALHADORES, depois a  
MUSA DO POVO,  
depois a PRETA DOS PASTEIS.

O DOUTOR.—Quem quer comprar terrenos excommungados? Preços reduzidos! Ver para crer! (*Os trabalhadores vão sahindo a pouco e pouco.*)

MUSA DO POVO, *entrando da direita.*

Este enorme, sacrilego attentado,  
Nos versos meus será vituperado!

DOUTOR.—Quem é a senhora, e com que direito vem aqui protestar em verso?

MUSA DO POVO.

Musa do Povo eu sou: passar não deixo  
Tanta vergonha sem abrir o queixo!

DOUTOR.—Pois abra!

## MUSA DO POVO.

Ardendo em santa e piedosa ira,  
Eu tanjo as cordas de inspirada lyra !

DOUTOR.—Pois tanja !

## MUSA DO POVO.

E contra esta fatal profanação  
Protesto em nome da Religião !

DOUTOR.—Pois proteste ! (*Sahindo a apregoar.*) Quem quer comprar terrenos excommungados? Grande redução de preços! A vista faz fé ! (*Sae.*)

## MUSA DO POVO.

Que escandalo, meu Deus! como se abusa!  
Tenho ás vezes vergonha de ser Musa !

(*Entra a preta dos pasteis, e entrega-lhe uma salva, coberta com uma toalha de crivos, e um cartão. Depois retira-se. —Lendo o cartão.*)

« As freiras, modestamente,  
Graças á sua defeza,  
Enviam-lhe esse presente  
Para a sua sobremeza.»

(*Descobre a toalha. Aparece uma compoteira cheia de doce.*)

Que vejo, Apollo ?! Doce de laranja !  
E agora digam lá que não se arranja  
Quem como eu cá da lyra as cordas tanja!

(*Mette o dedo no doce, e prova-o.*)

Que gostoso! que bom! Como isto inspira!  
Vamos ! vou dar-te que fazer, ó lyra !

(*Sae.*)

## SCENA II

MORCEGOS, depois SOLDADOS DE POLICIA

CÔRO E MARCHA DOS MORCEGOS.

Eis quasi toda a morcegada,  
Que emfim foi posta em debandada !  
Adeus, bom tempo do chanfalho,  
Do bello apito a tiracol !  
Adeus, ó tempo do trabalho  
A' luz do gaz e á luz do sol !  
Tudo p'ra nós já se acabou !  
A nossa estrella se apagou !  
Sem mais contemplação  
Veio a dissolução !

Agora somente  
Na cama é chorar,  
Pois é logar quente,  
Não ha que negar !

*(Continúa a musica na orchestra até o fim do quadro.)*

UM MORCEGO. — Bem, meus amigos!  
Agora que estamos dissolvidos, é preciso  
tratar da vida, que a morte é certa!  
Portanto, voltemos á nossa antiga pro-  
fissão !

TODOS. — Valeu ! Apoiado ! *(Forte na  
orchestra. Todos os morcegos se transfor-  
mam em capoeiras, que se dividem em  
dous campos.)*

VOZES DA ESQUERDA. — Viva os guaya-  
mús !

VOZES DA DIREITA. — Viva os nagôas !

UNS. — Entra !

OUTROS. — Livra ! *(Grande conflicto.  
Apitos da policia, eque intervem dispersa  
os capoeiras. A scena fica vasia. Mutaçõ.  
Cessa a musica.)*

## QUADRO QUINTO

Sala em casa do Commendador. Porta e janella ao fundo. Portas latteraes.

### SCENA PRIMEIRA

COMMENDADOR FAUSTINO, que entram do fundo, depois o TRABALHO,

COMMENDADOR, *com um Decreto na mão e muito contente*.—Barão ! Barão ! Estou finalmente barão !... Barão de Villa-Rica ! Já não sou o commendador Campello ! (*Abraçando Faustino.*) Quanto lhe agradeço, meu amigo, meu bom, meu excellente amigo ! Quanto lhe agradeço ! E hoje mesmo hei de ir pessoalmente agradecer ao ministro.

FAUSTINO, *vivamente*.—Não vá... não se dê a esse incommodo, porque já lhe agradecei em seu nome.

COMMENDADOR.—Bem ; agora ha de permittir que eu vá buscar a recompensa do seu trabalho. (*Sahindo.*) Barão ! (*Sahida falsa pela direita.*)

FAUSTINO, *só*.—Este commettimento de alta bilontragem póde sahir-m'º caro ; pelo menos transtornar o meu projecto de casamento com a filha do commendador, que tem bom dote e gosta muito de mim. Ora ! não pensemos no futuro !

A VOZ DO TRABALHO.—Padeiro !

FAUSTINO. — E' o homem do pão. (*O Trabalho apparece á porta do fundo, com um sacco de pães na mão.*) Ainda elle !...

TRABALHO.—Ainda e sempre ! Serei a tua providencia ! Não commettas um

acto reprovado. — Toma este sacco !  
(*Dá-lhe o sacco.*)

FAUSTINO. — Ha dinheiro dentro ?  
(*Mette a mão no sacco, tira de dentro alguns pães, e sacode o sacco vasio.*)  
Ora ! pães !

TRABALHO. — Vae entregal-os.

FAUSTINO. — E tu vae bugiar ! (*A ira-lhe o sacco.*)

TRABALHO. — Ainda uma vez te offereço occupação : ainda uma vez recusas. Tu' alma, tua palma. — Olha : na mão do Trabalho, o pão transforma-se em ouro !  
(*Mette a mão no sacco, e retira a cheia de moedas de ouro.*)

FAUSTINO. — Ouro ! Dá cá o sacco !

TRABALHO. — Trabalha ! (*Sae.*)

FAUSTINO, só. — Ora o magico !

COMMENDADOR, *voltando*. — Aqui tem tres cheques do Banco do Brazil, na importancia de conto de réis cada um. Desculpe a insignificancia. (*Dá-lh'os !*)

FAUSTINO. — Oh, commendad... quero dizer : barão...

COMMENDADOR. — Commendador, diz bem... Antes de quinze dias não quero que se saiba que sou barão. Só no dia dos meus annos publicarei a grata nova, e por essa occasião darei um jantar, para o qual o amigo está desde já convidado.

FAUSTINO. — N'esse caso, vou providenciar para que a nomeação não seja publicada. (*Guarda os cheques.*)

COMMENDADOR. — E' favor. Agora ha de me dar licença : esperam-me no meu gabinete (*Aponta para a esquerda.*) alguns correligionarios politicos.

FAUSTINO.—De qual dos partidos ?

COMMENDADOR, *ingenuamente*.—Do liberal.—Ahi vem minha filha ; conversem, mas não lhe diga nada sobre o baronato. (*Abraçando-o.*) E muito obrigado ! (*Sahindo.*) Eu sou liberal, e liberal da velha bandeira ; mas confesso que ser barão era o meu sonho dourado ! (*Sae pela esquerda e Carolina entra pela direita.*)

FAUSTINO, *comsigo*.—E Jogatina á minha espera na porta da rua !

## SCENA II

FAUSTINO, CAROLINA.

CAROLINA.—Ora seja muito bem apparecido, seu Faustino ! Estava morta por vel-o !

FAUSTINO, *contente*.—Devéras ?

CAROLINA.—Disseram-me uma coisa do senhor...

FAUSTINO.—De mim ? Que foi, dona ?...

CAROLINA.—Não nega se fôr verdade ?

FAUSTINO.—Negar, eu ? ! Oh ! a senhora não me conhece ! Eu não minto nem brincando ! Sou como Epaminondas !

CAROLINA.—Quem é esse Epaminondas ?

FAUSTINO.—Um amigo de meu avô... um sujeito de Thebas...

CAROLINA.—Pois falle como elle... verdade verdadinha...—O senhor joga ?

FAUSTINO, *com grandes gestos*.—Jogar eu ? ! Virgem Maria !... Eu que nem sei pegar em cartas ! Deus me livre !

(*Benze-se.*)

CAROLINA.—Ah, seu Faustino, como eu fiquei quando me disseram! Agora vejo que foi intriga!

FAUSTINO.—Uma intriga miseravel! Mas quem lhe disse?...quem foi?...  
(*Apparece á porta Jogatina, disfarçada em vendedor de bilhetes de loteria.*)

### SCENA III

Os mesmos, JOGATINA.

JOGATINA.—Anda hoje a roda! São os duzentos da Bahia! E' o ultimo!

FAUSTINO, *com um sobresalto.* — Duzentos!... (*Vendo Jogatina e reconhecendo-a.*) Oh! (*Faz-lhe signal para que o não reconheça.*)

CAROLINA.—Oh, moço! como se entra assim por uma casa! (*Indo a Jogatina, e tomando-lhe o bilhete.*) Se a gente tirasse mesmo... Mas qual! está branco com certeza!

JOGATINA, *aproximando-se.* E' este de resto! Fique com elle, tenho palpito! sou muito feliz!

#### COPLA.

Quem tentar  
Apanhar  
Sem tardar  
Sorte grande,  
Chamar-me mande!  
Como eu cá  
Ninguem ha!  
E aqui está  
Um bilhete  
Que bem promette!

Propheta sou !  
 Convicto estou  
 De que lhe dou  
 A bella sorte !  
 E' mister  
 Não temer !  
 Se perder,  
 Não se importe !

Ora aqui tem ; não perca a vasa ;  
 Compre o bilhete de uma vez ;  
 São dez tostões ; preço da casa ;  
 Cinco mil cento e vinte e tres.  
 Fique com este da Bahia,  
 Porque a tal da emancipação,  
 Anda não anda todo o dia,  
 Que até parece logração !

(*Declamando.*) Então ? Vamos ! Que bonito numero ! 5123 !

CAROLINA. — Vou experimentar mais esta vez. Quanto custa ?

JOGATINA. — Já disse, dez tostões, o preço da casa.

CAROLINA. — Emprêsta-me, seu Faustino, para não ir lá dentro agora ?

FAUSTINO, *atrapalhado.* — E' que... só tenho pellegas grandes...

CAROLINA, *estranhando.* — Pellegas ?

FAUSTINO, *emendando.* — Notas... notas... queria eu dizer.

CAROLINA. — Então espere ahi, moço. (*Sae.*)

#### SCENA IV

FAUSTINO, JOGATINA, depois CAROLINA.

FAUSTINO. — Que vieste aqui fazer ?

JOGATINA. — Fartei-me de te esperar á porta. — Então ? Recebeste alguma coisa ?

FAUSTINO.—Tres cheques do Banco ; tres contos de réis.

JOGATINA.—Bravo ! Vamos ao Banco, e de lá a uma roleta magnifica ! Vaes centuplicar essa quantia ! Anda d'ahi !

FAUSTINO.—Espera um pouco ; deixa vir a pequena com os dez tostões. Não quero despedir-me á franceza.

JOGATINA.—Não temos um instante a perder : o Banco vae fechar.

FAUSTINO.—N'esse caso, allons ! (*Saem pelo fundo ; entra Carolina*)

CAROLINA.—Aqui está, moço.—Ninguem !—Para onde iria seu Faustino ? (*Indo á janella.*) Lá vae elle ! E de braço com o garoto ! Ora esta !... (*Entra o commendador, acompanhado do grupo Zé.*)

## SCENA V

CAROLINA, que logo sae, o COMMENDADOR,  
OS ZÉS.

CORO DOS ZÉS.

(*Musica de Gomes Cardim.*)

Nós somos o grupo Zé,  
Que todos tomam a serio,  
E que ha de, e'um pentapé,  
Derribar o ministerio !  
Ao mundo vamos, olé !  
A' parte a nossa modestia,  
Provando que o grupo Zé  
Não é nenhum Zé da Vestia.

COMMENDADOR, a Carolina, que sae da janella.—O' Carola, estavas ahi ? Vae lá para dentro ! Não gosto de ver mulheres envolvidas em politica. Não quero

Luizas Micheis cá em casa. Isso é bom para os francezes.—Vae !

CAROLINA.—Sim, papae. (*Aparte.*) Aquelle seu Faustino ! (*Sae.*)

1.º ZÉ.—Pois, meu caro senhor commendador Campello, o grupo Zé, convidado para esta reunião em sua casa, felicita-se pela sua adhesão á nossa causa. Mas vossa senhoria não me explicará como, repellido por uma camara liberal, fez-se liberal e entrou logo em opposição ao governo ?

COMMENDADOR.—Meu caro, em politica, como em tudo mais, cada um sabe as linhas com que se coze. E se houver dissolução ?

1.º ZÉ, ao 2.º.—O que me parece é que este commendador é uma besta.

2.º ZÉ, ao 1.º.—Apoiado ! (*Passa pela rua uma banda de musica a tocar. Ouvem-se vivas e foguetes. Correm todos á janella.*)

Os ZÉS, *retirando-se da janella.*—Ora ! é uma manifestação conservadora !

COMMENDADOR, *á janella.*—Viva ! viva !...

3.º ZÉ.—Que é isso, commendador ? Está dando vivas aos conservadores ?

COMMENDADOR, *aproximando-se.*—Perdão, eu sou liberal da velha guarda... mas reconheço que o partido contrario... ao qual tambem pertenci... Demais, n'estas manifestações as caras são sempre as mesmas. (*Os sons da musica têm se perdido ao longe.*)

1.º ZÉ, *aos outros.*—Então está dito, meus nobres collegas: continue a tra-

moia! A tramoia ha de salvar-nos!  
Que grande invenção a tramoia!

2.º ZÉ.—Havemos de mostrar ao ministerio, que se julga tão forte, para quanto valemós!

3.º ZÉ, ao 1.º.—O diabo foi você ter assignado o projecto!

1.º ZÉ.—Assignei, mas voto contra. Que tem isso? Ainda hontem o Siniby votou *sim* a favor de um candidato, e hoje votou *não* a favor do mesmo candidato.

2.º ZÉ.—Sganarello tem feito escola. (*Nova manifestação na rua. Banda de musica, vivas e foguetes. Os Zés correm para a janella.*)

TODOS.—Ah! d'esta vez é uma manifestação liberal!

COMMENDADOR, com toda a força.—Viva o partido liberal! viva o meu partido!... (*A manifestação passa.*) Toda a resistencia, meus amigos, toda a resistencia! Esta questão de emancipação é muito séria. O marechal tem razão. A junta do couce é indispensavel.

3.º ZÉ.—Eu acho...apezar de não saber ao certo o que vem a ser tal junta.

1.º ZÉ.—Homem, você não sabe?—Nem eu.

2.º ZÉ.—Se o commendador nos explicasse...

COMMENDADOR.—Não ha nada mais simples. Você...(*Segura o 1.º Zé.*)—você é o carro...

1.º ZÉ.—Que carro?

COMMENDADOR.—O carro da emancipação. E' uma figura.

1.º ZÉ.—Sim, senhor, eu sou o carro.

COMMENDADOR, *mostrando o palco*.— Isto aqui é um barranco... um plano inclinado... (*Segurando dous Zés e pondo-os na frente do 1.º*.) Os senhores são os burros.

2.º ZÉ, *que é um dos dous segurados, com riso alvar*.— Ah! ah! ah! somos a parelha! Está dito.

COMMENDADOR.— Peguem no carro. (*Os dous seguram, com as mãos para traz, o cóis da calça do 1.º Zé*.) Agora os senhores... (*Vae buscar o 3.º Zé, e outro*.) Os senhores são os bois!

3.º ZÉ.—Homem, isto de bois...

COMMENDADOR.—Uma figura!

3.º ZÉ.—Vá lá, sou boi. (*Seguram no cóis do 1.º Zé*.)

COMMENDADOR.— Agora, puxem os senhores para a frente e os senhores para traz. (*Obedecem*.)

1.º ZÉ.—Ai! ai! ai!

COMMENDADOR.— Basta! Então? O carro avançou um passo? Não! Porque? Porque as forças estavam equilibradas pela junta do couce, junta do couce representada aqui pelos nossos amigos.

Todos.—Ah! ah! ah! é boa!... (*Vaia na rua*.)

VOZES NA RUA.—Fóra, negreiro! Escravocrata! Cara dura! Fiô! Fiô!...

Todos.—Que é isto?! (*Vão a correr para a janella, e estacam ao ver entrar o A*.) O A.!...

## SCENA VI

Os mesmos, e A.

A.—Eu mesmo, meus amigos! Que

desaforo!... Que insolencia!... que pouca vergonha!... Vejam se isto é de um governo que se preza!

COMMENDADOR.—Mas que foi?...

A.—Pois não ouviram?... Fui vaiado! Eu vaiado!... Vaiado!...

COPLAS.

(*Musica de Gomes Cardim.*)

I

Eu saio da Camara  
 Ao fim da sessão,  
 E vou sorumbatico,  
 Olhando p'r'o chão ;  
 Mas eis que de subito,  
 Eu ouço uma voz  
 Dizendo-me injurias,  
 E passo veloz...  
 Um grupo de vandalos  
 Persegue-me então...  
 São elles innumerados...  
 Nem sei quantos são !

Fiô !

Fiô !

Escravocrata !

Lá vae batata !

Zás !

Traz !

TODOS.

Fiô ! etc.

A.

II

Co'os olhos um tilbury  
 Eu busco, mas qual !  
 Que vaia ! que escandalo !

Que pyramidal !  
 Emfim, todo impavido,  
 Lá vou mesmo a pé,  
 E os vandalos seguem-me,  
 Chamando-me Zé !  
 Nas ruas mais publicas  
 Quem vio coisa assim !  
 Os pulhas insultam-me  
 E zombam de mim !  
 Fiô ! etc.

Com franqueza, amigos : eu pareço-  
 lhes sufficientemente indignado ?

Todos.—Certamente !

A., *risonho e n'outro tom* — Pois bem,  
 não estou tal.

Todos.—Hein ?

A.—Tudo isto é uma comedia !

Todos.—Como assim ?

A.—A vaia foi encommendada por  
 mim.

Todos.—Para que ?

A.—Eu precisava de um pretexto  
 para...

Todos.—Para... ?

A.—Uma moção de desconfiança !

Todos.—Bravo !

A.—Vamos redigil-a ?

Todos.—Vamos !

A.—Já ?

Todos.—Já ! Partamos ! (*Saem todos  
 pelo fundo, depois de repetirem o côro de  
 entrada.*)

COMMENDADOR. — Nem sequer se des-  
 pediram de mim ! Ah ! politica ! ah !  
 tramoia ! (*Tirando o Decreto do bolso.*)  
 O que me conscla é isto ! O meu De-  
 creto ! Vou para o meu gabinete con-  
 templal-o ! Barão ! Barão da Villa Rica !...

## ARIA.

(Do «Rigoletto»: *La dona e mobile.*)

Barão estou feito  
 Da Villa-Rica!  
 Eis a rubrica  
 Do Imperador!  
 'Stou satisfeito!  
 Sou mais um furo  
 Que aquelle obscuro  
 Commendador!  
 Brazão doirado  
 Meu nome encerre:  
 Um V e um R,  
 Por cima um B.  
 Vel-o-hei gravado,  
 Todo pachola  
 Na portinhola  
 Do meu *coupé*!

(*Musica de Gomes Cardim.*)

Da Villa-Rica eu sou barão!  
 Hei de fazer um figurão!...

(*O commendador sae dansando. Mu-  
 tação.*)

---

**QUADRO SEXTO**

O largo de S. Francisco de Paula.

**SCENA PRIMEIRA**

ARLEQUINS, depois o CARNAVAL, depois  
 UM ZÉ-PEREIRA, depois o  
 ENTRUDO.

(*Ao levantar do panno, a scena está  
 cheia de mascaras e povo. Entra um*

*bando de arlequins e executa um bailado. No fim da bailado a scena fica vazia. Aparece o Carnaval, vestido com um dominó.)*

CARNAVAL, *ao publico, com voz de falsete.*

Os senhores me conhecem ?

Sou eu mesmo... o Carnaval...

*(Voz natural.)*

Mas, se licença me déssem,

Fallava em voz natural.

Em poucos versos contar-lhes

A minha historia aqui vou ;

O meu passado lembrar-lhes,

Que tão depressa mudou.

Eu fui isto que estão vendo :

Como dominó reinei...

Mas fui descendo... descendo...

E em princez me transformei.

*(Transforma-se)*

Não satisfeito o meu fado

D'estes caprichos fataes,

Fez-me um diabinho encarnado...

*(Transforma-se.)*

Eis o que sou : nada mais !

A loucura, essa irman gemea

Do Carnaval succumbio

Dês que a brilhante «Bohemia»

Os atabales partio.

Findou-se a minha alegria

Depois que me deixou só

O «Club X», que bem podia

Chamar-se X P T O.

De Heidelberg os estudantes,

Filhos do gozo, onde estão ?

Era outra coisa isto d'antes,

Nos tempos que já lá vão.

Decididamente acabo  
 De um modo muito vulgar,  
 Se os «Tenentes do Diabo»  
 Não me quizerem salvar!  
 Se os «Fenianos» da cova  
 Não me chamam para si,  
 Leve o demo a casa nova,  
 Que é muito perto d'aqui.  
 Se eu não fôr quem fui outr'ora,  
 Se hei de ser sempre quem sou,  
 Renegar, sem mais demora,  
 Dos «Democraticos» vou.

Se «Fenianos», «Tenentes» «Democraticos»  
 Do seu amor por mim não me dão prova,  
 Recorrerei aos prestimos sympathicos  
 Dos «Progressistas da Cidade Nova»!

*(Passa pelo fundo um Zé-Pereira.)*

Vae passando um Zé-Pereira!  
 Momo, se me vês de lá,  
 Repara que desgraçeira!  
 Se não cessa a quebradeira,  
 O meu futuro alli está!

*(Olhando para a direita.)*

O' céos! que vejo! vem alli o Entrudo!  
 Desgraçado que sou!  
 Se não fujo, ai de mim! lá se vae tudo  
 quanto Martha fiou!  
 Sem dizer agua vae, d'aqui me mudo,  
 Porque mesmo agua vem; ligeiro vou...

*(Sae apressado; mas o Entrudo, que  
 entra, ainda o vê.)*

ENTRUDO.

Vae! Foge!... Foge, covarde!...  
 Ainda vives, Carnaval!  
 Mas até ver não é tarde



Quem ha de cahir por terra  
 N'esta encarniçada guerra,  
 N'este duello mortal!  
 Feros rancores eu guádo  
 Contra ti, contra ti só!  
 A hora suprema aguardo,  
 Que em sonhos meu peito afaga,  
 Da victoria da bisnaga,  
 Da quéda do dominó!...

(*Vindo ao proscenio.*)

Eu sou o Entrudo, o classico folguedo;  
 Na massa estou do sangue nacional;  
 Já n'outros tempos me encolhi de medo  
 Ao surgir n'esta Côrte o Carnaval.  
 Retirei-me aos penates, porém quando  
 Elle devéras irritar-me fez,  
 As manguinhas de fóra fui deitando,  
 E acabei por deital-as de uma vez.  
 Comtudo inda não sou quem d'antes era;  
 Inda serei, porém, quem d'antes fui;  
 Inda este povo, como n'outra éra,  
 Verei entrado em tredo entrudo.—Ui!  
 Inda aqui me vereis de balde e tina...  
 De seringa na mão já alguém me vê,  
 Pois a bisnaga é coisa muito fina  
 Que o Maldas Vinhas inventou. P'ra que?  
 E' tão aristocrata a descoberta,  
 Que alguém, com *a* maiusculo, tambem  
 A bisnaga em Petropolis aperta  
 E esguicha a essencia que ella em si contém.  
 Nada! não quero...—Mas ó céos! que vejo?  
 Um grupo se dirige para cá,  
 Que mascarado está!  
 Encontrar-me com elle não desejo,  
 Pois vem muito decente,  
 E o Carnaval não venço facilmente  
 Que com certo capricho se apresente;  
 Portanto eu me vou já. (*Sae.*)

## SCENA II.

OS ESTUDANTES DE SALAMANCA, depois  
JOGATINA e FAUSTINO ; POVO.

(Os estudantes cantam uma canção hespanhola, e saem, acompanhados e applaudidos pelo povo. Durante o canto entram Faustino e Jogatina, vestidos como no quadro precedente. Vêm ambos ligeiramente embriagados.)

JOGATINA.—São os coristas do Santa Anna que andam a pedir para as victimas dos terremotos de Andaluzia.

FAUSTINO.—Se pedissemos nós para as victimas da roleta?... Pódes limpar a mão á parede com a tua protecção... Parece incrível!... Tres contos de réis deitados fóra em tres dias!...

JOGATINA.—Mas tu hoje começaste logo no principio a dar beijos na Marie Brizard!... D'este modo ninguem póde jogar... a não ser que jogue como uma barca Ferry.

## SCENA III.

FAUSTINO, JOGATINA ; um Noivo, uma  
NOIVA e o PAE DA NOIVA.

O PAE, *acompanhando os noivos.*—  
Não póde ser! não estão casados!...

NOIVA.—Estou casada e muito bem casada!

Noivo.—Estamos casadinhos da silva!

PAE.—Isto não tem logar!

FAUSTINO, *agarrando o noivo.*—Explique-me, seu coisa!

JOGATINA, *agarrando a noiva.*—Diga-me...

PAE.—Façam idéa, meus senhores : um casamento tumultuario!

JOGATINA.—Tumultuario? Que quer isso dizer?

OS NOIVOS E O PAE.—Eu lhe digo...

FAUSTINO.—Não. Falle cada qual por su a vez.

OS TRES.—Não vé que...

JOGATINA.—Tumultuarios são, não ha duvida! (*Ao pae.*) Falle o senhor, que é o mais velho! (*Aos outros.*) Attenção!

PAE.—Eu sou pae d'esta rapariga, que é minha filha, se é certo o que diz minha mulher e meu amigo intimo Dr. Salgado, que já era meu amigo antes d'ella nascer ..Este senhor, que é um bilontra...

FAUSTINO, *comprimentando-o.*—Toque!

PAE.—Este senhor, não tendo onde cahir morto, e sabendo que eu tenho onde cahir vivo, andou a fazer pé de alferes á pequena...

NOIVO.—De alferes, não senhor...

PAE.—Pois bem, pé de moleque, que é o que você é... (*Continuando.*) Ella, coitadinha! teve a fraqueza de se embeijar por elle... Eu oppuz-me ao casamento... Minha mulher e o Dr. Salgado tambem se oppuzeram... Vão elles então, combinam-se, vestem-se d'este modo, que parecem duas figuras de bandeija de confeitaria, e vão ouvir missa... Ajoelham-se, e, no momento em que o vigario deita a bençã, dizem muito alto: Tomamos as pessoas presentes por testemunhas... (*Os noivos aproveitam a distracção do velho e fo-*

gem.) de que nos recebemos por marido e mulher. E receberam-se.. Ah! ah! mas eu lhes darei o recibo!... A coisa não vae assim! Eu ainda estou aqui!... Oh! mas elles é que já cá não estão!... Ah! patifes! (*Sae correndo.*)

JOGATINA.—O progresso, seu Faustino, o progresso!

FAUSTINO.—Progresso? Bilontrismo chamo-lhe eu. (*Rumor dentro.*) Que mais temos? (*Olha para o lado da rua do Ouvidor.*)

JOGATINA, *idem*.—E' uma franceza que, pelos modos, filou um sujeito. (*Entra Mlle. Grichard, segurando Rafani.*)

#### SCENA IV

Os mesmos, MLE. GRICHARD, RAFANI,  
depois um VIAJANTE.

RAFANI.—Ma per Dio, signora! No capisco niente!

MLE. GRICHARD.—Eh bien, allons à la police!

RAFANI.—Lasciate-me dunque! questo collare non è vostro!

FAUSTINO.—Conflictio franco-italiano!

MLE. GRICHARD.—Il est à moi... On me l'a volé!

JOGATINA, a *Faustino*.—Ah! percebo: é o negocio das joias de Mlle. Grichard.

FAUSTINO.—Ah! outra bilontrice!

MLE. GRICHARD.—Il y a quarente et trois diamants... Voyons!

RAFANI.—Non è vero... Sono quaranta e cinque. Esse me a stato venduto par il commendatore Xorro.

MLLE. GRICHARD.—C'est ce que nous verrons !

RAFANI.—Orbene, vedremo e dopo parlaremo !

MLLE. GRICHARD.—Allons au subdelegué !

RAFANI.—Dio ! Dio ! Andiamo dunque !  
(*Sahindo com ella.*) Questi horizontale hanno capellete à le vente ! (*Saem.*)

FAUSTINO.—O pobre do Rafani está apertado !

JOGATINA.—Pobre rapariga ! Sabe Deus quanto lhe custou adquirir aquelle collar !

FAUSTINO.—E'...

JOGATINA.—Quem é este sujeito que ahi vem a olhar para todos os lados, com uma malla debaixo do braço ?

FAUSTINO, *esbarrado pelo viajante, que entra.*—Oh ! o senhor não vê por onde anda ?

VIAJANTE.—Desculpe, mas vcu com muita pressa... Não tenho um momento a perder... Querem alguma coisa para a outra banda ?

JOGATINA.—Que vae lá fazer, se não é indiscrição ?

VIAJANTE.—Pois não sabem ?

#### COPLAS.

(*Musica de Gomes Cardim.*)

#### I

Dous typos muito amigos  
Se encheram de rasões ;  
Tornaram-se inimigos,

Trocaram cachações !  
 Um d'elles, o mais forte,  
 Deu mais do que apanhou,  
 E o outro se acha á morte  
 Da tunda que levou !  
 Tem a briga um fim ?  
 Póde ser que sim...  
 Ambos têm razão ?  
 Póde ser que não !

Todos.

Póde ser que sim...  
 Póde ser que não...

VIAJANTE.

II.

Alegre e satisfeito  
 Vou ter co' os dous heróes,  
 Um d'elles escoreito  
 E o outro nos lençóes.  
 Ser espinhosa deve  
 A minha commissão ;  
 Mas digo muito em breve  
 Qual d'elles tem razão.  
 Perco o meu latim ?  
 Póde ser que sim...  
 Venço a tal questão ?  
 Póde ser que não...

Todos.

Póde ser que sim...  
 Póde ser que não...

(O Viajante sae correndo.)

FAUSTINO.—Foi uma acertada nomeação, porque este sujeito tem olho.— Oh, diabo ! lá vêm o commendador e a pequena ! Toca a safar !

JOGATINA.—Sim, mesmo porque são horas de nos prepararmos para o Bando Precatorio !

## SCENA V.

O COMMENDADOR, CAROLINA, depois o  
BALÃO JULIO CEZAR.

CAROLINA.—Olhe, papae, seu Faustino!

COMMENDADOR.—Aonde, menina? Estás douda?

CAROLINA.—Era elle, sim, senhor: elle e o cambista.

COMMENDADOR. — Que cambista, menina?

CAROLINA.—O tal que não esperou pelo dinheiro d'aquelle bilhete em que eu tirei quinhentos mil réis...

COMMENDADOR.—Pois se era elle, não lhe gabo a companhia... Mas qual! um rapaz tão bem relacionado, que me arranjou o titulo de barão!

CAROLINA, *aparte*.—Começo a desconfiar que primo Xandico tem rasão. (*Olhando para dentro*.) Olhe, papae, que homem tão esquisito! Quem será?

COMMENDADOR.—Sei lá!

BALÃO, *entrando*.—E' um esbulho! Ah! está o que eu fui buscar a Pariz! (*Ao Commendador*.) Copiaram-me, meu caro senhor, plagiaram-me!

COMMENDADOR.—Mas quem é o senhor? Não tenho a honra de...

BALÃO.—Eu sou o Balão de Santa Maria de Belem.—Dá-me um charuto?

COMMENDADOR.—Ah! é um collega! (*Dando-lhe um charuto*.) Pois eu sou o da Villa-Rica.

BALÃO.—O senhor!... pois o senhor é também balão?

COMMENDADOR.—Sim, senhor. (*Aparte.*) Não pronuncia os rr: é tatibitate... (*Alto.*) Mas... como dizia o collega?

BALÃO.—Sabe porque ainda não subi?  
—Faz-me favor do fogo?

COMMENDADOR.—Porque?

BALÃO, *accendendo o charuto.* — Não subi porque não pude encher-me.

COMMENDADOR.—Dá-se commigo justamente o contrario: não pude encher-me porque não subi.

BALÃO.—Vou recorrer ao povo.—Dá-me outro charuto, para quando acabar este?

COMMENDADOR, *dando-lh'o.* — Ao povo recorri eu... Mas rasgaram-me o diploma... Faltou-me o apoio...

BALÃO.—Apagou-se. Dá-me um phosphoro? (*O commendador dá-lh'o.*) Eu não preciso de diploma e achei já o meu ponto de apoio. Apagou-se; dá-me outro?... Gaz!... de gaz é que eu preciso!

COMMENDADOR. — De gaz ou de phosphoro?

BALÃO, *accendendo o charuto.* — Gaz, para subir!

COMMENDADOR. — Ah! quer concorrer para a illuminação da cidade!

BALÃO. — Nada! preciso de gaz para ir ás nuvens!

COMMENDADOR. — A's nuvens fui eu sem gaz!

BALÃO. — Sem gaz! Que me diz, collega? Pois um balão sem gaz vale lá

alguma coisa! Balão sem gaz é sacco vasio!

COMMENDADOR, *desapontado*.— Ai, que é balão e não bário! Agora comprehendendo... Carola, é o balão Julio Cezar! E eu a dar-lhe trela e charutos!

BALÃO.— Mais um para depois do jantar...

COMMENDADOR.— Nada! contente-se com os que já lá tem... Que pedinchão... O Barão da Villa Rica não é paio!

BALÃO.—E' bário! Logo vi! Os bários não podem comprehender-me. Só o que tem fé acredita em mim, porque a tem... ao menos no nome. Dispenso os seus charutos. Apesar de não ter gaz, vou subir até ás altas regiões e pedir que nomeiem uma commissão para angariar-me donativos.

COMMENDADOR.— Darei alguma coisa, se publicarem o meu nome por extenso: bário da Villa-Rica. Se não, não. Sou liberal da velha guarda, mas gosto, que me lambo todo, que me chamem pelo titulo!

BALÃO.—Não seja esta a duvida! Passasse bem. (*Sae.*)

## SCENA VI

O COMMENDADOR, CAROLINA, depois um TITULAR, 1.º CAIXEIRO, CAIXEIROS, depois 2.º CAIXEIRO.

CAROLINA.— Já estava cançada de esperar. Que balão cacete!

COMMENDADOR.— O caso é que, se elle se governasse nos ares, muita gente ficaria com cara d'asno.

TITULAR, *entrando, acompanhado de muitos caixeiros, que o felicitam ruidosamente.* — Basta! Obrigado! Larguem-me! (*Aparte.*) Quem me mandou metter com crianças?

1.º CAIXEIRO. — Viva o nosso protector!...

Todos.—Viva!...(Rodeiam o Titular.)

CORO DE CAIXEIROS.

(*Musica de Gomes Cardim.*)

Viva o nosso amigo,  
 Nosso defensor,  
 Que é da nobre classe  
 Nobre protector!  
 Viva o fechamento,  
 Que abre os corações!  
 Viva a caixeirada!  
 Fóra os taes patrões!

TITULAR.—Basta, já disse! Basta de demonstrações! (*Vendo o Commendador.*)  
 Oh, meu nobre amigo! por aqui?

COMMENDADOR.—Como vê, e admirado de o encontrar cercado por esta rapaziada!

TITULAR.—Não me largam desde pela manhan. Fui propor o fechamento das portas, e agora o verás!

1.º CAIXEIRO. — Viva o protector da nobre classe caixerai!

Todos.—Viva! Viva!...

TITULAR.—Vão embora, meus amiguinhos, vão tratar de suas obrigações. Eu tenho quarenta annos...

COMMENDADOR.—Só?

TITULAR.—Só! (*Aos caixeiros.*) Estou no caso de lhes dar conselhos.

1º CAIXEIRO.—Viva o nosso conselheiro !

TODOS.—Viva !

TITULAR.—Já me apresentei candidato a senador . . .

1º CAIXEIRO.—Viva o nosso senador!

TODOS.—Viva !

2º CAIXEIRO, *entrando esbaforido, aos outros.* — Sabem ? . . . Uma grande . . . novidade !

TODOS.—Qual é ? qual é ?

2º CAIXEIRO.—Chegou . . .

TODOS.—Quem ?

2º CAIXEIRO.—Chegou o Souza Bastos e a Pepa !

TODOS.—Viva a Pepa ! Viva ! Vamos vel-a ! Viva a Pepa ! . . . (*Saem a dar vivas.*)

TITULAR.—Ora ahí está o que é a popularidade ! Eu contava, pelo menos, com o retrato a oleo ! (*Alto.*) Fica, commendador ?

COMMENDADOR.—Fico ainda um momento. (*A Carolina.*) Commendador . . . E' celebre ! Ainda ninguem sabe que eu sou barão !

TITULAR — Então, até sempre. (*Sae. Ouve se musica dentro.*)

CAROLINA.—Papae ahí vem o Bando Precatorio.

## SCENA VII

COMMENDADOR, CAROLINA, FAUSTINO, JOGATINA, O TRABALHO, O BANDO PRECATORIO.

(*Começa a desfilar o Bando Precatorio. Faustino e Jogatina são dos primeiros que chegam, de casaca ambos, e tra-*

zendo no braço o distinctivo da imprensa. O Trabalho entra pelo outro lado, disfarçado em vendedor de jornaes. Muitos individuos, todos com o mesmo distinctivo, entram, uns com sacolas na mão, outros com ellas presas á ponta de uma vara. O commendador é victima dos pedintes.)

COMMENDADOR. — Nada! vou trocar cinco mil réis em nickeis alli no kiosque! (Faz o que diz.)

FAUSTINO, a Jogatina. — Já tenho uns vinte bodes. E tu?

JOGATINA. — Ha de andar por isso.

FAUSTINO. — Disfarça, e passa dez para o bolso — Eu faço o mesmo.

JOGATINA, em tom de censura. — Dinheiro das victimas da...

FAUSTINO, impaciente. — Anda, Luzia! (Fazem a ladroeira.) Oh! o Campello! Se elle já deu pela coisa... (Vendo que o Commendador lhe sorri.) Ah! não! — (Aproximando-se.) Commendador, para as victimas dos terremotos! (Jogatina pede do outro lado da scena.)

COMMENDADOR. — Olá! o senhor é tambem jornalista?

FAUSTINO. — Por hoje só... Para servir aos meus amigos da imprensa. — Ah! o commendad... perdão! o barão ha de encontrar no Bando um bando de individuos que se acham nas minhas condições.

COMMENDADOR, dando-lhe nickeis. — Ahi tem.

FAUSTINO, baixo a Carolina. — Como está?

CAROLINA. — Muito zangada com o se-

nhor ! Aquillo faz-se ? Despedir-se sem fallar com a gente !

FAUSTINO, *disfarçando*.—Oh ! lá vae o Freitas ! Vou apanhar-lhe uns nickeis !  
(*Vae correndo e encontra-se com o Trabalho.*)

TRABALHO.—Um momento !

FAUSTINO.—Oh !

TRABALHO.—Toma estes jornaes. Antes os vendas do que finjas escrevel-os. Estás extorquindo dinheiro dos desgraçados, lançando uma nota triste n'esta esplendida festa de caridade ! Vae trabalhar !

FAUSTINO.—Sabes que mais ? Toma !  
(*Dá-lhe um pontapé.*)

TRABALHO.—E' o segundo pontapé que dás no Trabalho. São pontapés que dás em ti mesmo ! (*Entram jornalistas a cavallo. Banda de musica. Movimento. Enthusiasmo. Animação. Mutação.*)

—

## QUADRO SETIMO

O BANDO PRECATORIO.

Apotheose.

(*O Anjo da Caridade, no céu, derrama flôres e moedas de ouro sobre o cortejo. Fogos, etc.*)

## ACTO II



### QUADRO OITAVO

Sala de phantasia.

### SCENA PRIMEIRA

FAUSTINO, JOGATINA, vestida de mulher.

FAUSTINO. — Mas, afinal de contas, onde estamos nós ?

JOGATINA. — No palacio dos theatros.

FAUSTINO. — E' bonito, é ; mas não me dirás o que vimos aqui fazer ?

JOGATINA. — Quero accender-te o desejo do unico jogo que ainda não tentaste.

FAUSTINO. — Qual ?

JOGATINA. — O cambio de theatro. Faze-te cambista de bilhetes. Se fores feliz, firmarás a tua independencia.

FAUSTINO. — Mas eu não entendo d'isto...

JOGATINA. — Foi essa justamente a razão porque aqui te trouxe. Vaes conhecer os diversos generos theatraes. Ouve...

## RONDÓ.

Moram aqui de cambulhada  
Os varios generos theatraes,  
O Dramalhão de capa e espada,  
A peça fina, e todos mais.  
Estão aqui, promiscuamente,  
Na nova torre de Babel,  
A nova Farça mais recente  
E a velha Farça de cordel.  
A par da rigida Tragedia,  
Que nos faz lagrimas verter,  
Acha-se a pandega Comedia,  
Que a todos faz rir a perder.  
Aqui tambem se acha a Opereta  
De quem se diz bastante mal,  
Por ter bastante malagueta  
E muitas vezes não ter sal.  
Tambem cá mora a Opera séria,  
E, quando a voz levanta aqui,  
Ninguem aventa uma pilheria,  
Que a todos vence o do ré mi!

Moram aqui de cambulhada, etc.

Mas vivem todos só da fama :  
Chega a cortar o coração  
Ver como aqui vegeta o Drama,  
Como agonisa o Dramalhão.  
A mesma Op'reta—quem diria ?—  
Deixou de ser o que já foi ;  
A Tragedia ficou p'ra tia :  
Já não é mais que um pé de boi.  
Se não melhoram estes fados,  
Continuando a esbodegação,  
Os varios generos, coitados !  
Fazer a trouxa poderão.  
Mas o deus Publico de certo  
Em mãos lençóes nunca os porá,

E assim o theatro, embora aberto,  
As portas nunca fechará.

Moram aqui de cambalhada, etc.

FAUSTINO.—Então, moram aqui...?

JOGATINA.—Que sei eu! a Opera, a Tragedia, o Drama, o Dramalhão, a Comedia, a Opereta, a Magica...

FAUSTINO.—Tantos?! E vivem em harmonia?

JOGATINA.—Como o cão com o gato.  
—Espera. Vou buscal-os. (*Sae*).

FAUSTINO, só.—Isto não vae bem, seu Faustino, isto não vae bem! E' preciso mudar de rumo... Os negocios vão de mal a peor. Começo a notar certa frieza no Campello... Aquelle decreto falsificado tira-me o somno!—Não teria sido melhor procurar um emprego, qualquer que fosse?

## SCENA II

FAUSTINO, O TRABALHO.

TRABALHO, *levantando-se na orchestra, onde finge ser tocador de ophicleide*.—Muito apoiado! Vá por ahi!

FAUSTINO.—Oh! ainda!...

TRABALHO.—Ainda e sempre.

FAUSTINO.—Nova reforma do *Remorso vivo*!

TRABALHO.—Toma este instrumento; aprende a tocal-o, e vem trabalhar cá na orchestra.

FAUSTINO.—E' de ouro?

TRABALHO.—Não; mas ouro é o que ouro vale.

FAUSTINO.—Então vae-te catar ! Ora que eu não possa dar um passo sem encontrar este typo !

DUETTINO.

( *Musica de Gomes Cardim.* )

FAUSTINO.

Que trabalho tão massante !  
Já o não posso tolerar !  
Apparece a todo instante !

TRABALHO.

Anda cá, vem trabalhar !  
( *Solo de ophicleide.* )

FAUSTINO.

Eil-o armado de ophicleide !  
Afinal diga o que quer !

TRABALHO.

Qu'lides !

FAUSTINO.

Qu'lide ?

TRABALHO.

Qu'lide ?

FAUSTINO.

Qu'lides.

Pois que lide quem quizer !

( *Solo de ophicleide.* )

JUNTOS.

TRABALHO.

Que grande vagabundo !

Não tem mais correcção!  
Engana a todo mundo  
Sem consideração!

FAUSTINO.

Torna-me furibundo  
Tamanhá amollação!  
Até o fim do mundo  
Me offrece occupação!

TRABALHO.

Se não tocas o instrumento,  
Rufa ao menos o tambor!  
Desce cá por um momento...

FAUSTINO.

Não me amolle por favor!

*(Solo por Faustino, que imita o ophi-  
cleide com as mãos na bocca.)*

TRABALHO.

Desde já te participo  
Que has de ter um fim fatal!

FAUSTINO.

Typo!

TRABALHO.

Typo!

FAUSTINO.

Typo!

TRABALHO.

Typo!

Has de, amigo, acabar mal!

JUNTOS.

TRABALHO.

Que grande vagabundo ! etc.

FAUSTINO.

Torna-me furibundo, etc.

(*No fim do duettino desapparece o Trabalho*).

FAUSTINO.—Ah ! musca-se ? Melhor !  
Ha mais tempo !

### SCENA III

FAUSTINO, JOGATINA, a OPERA, a  
TRAGEDIA, a OPERETA, o DRAMALHÃO  
e a MAGICA.

JOGATINA.—Cá estão os donos da casa.  
(*Apresentando.*) A Tragedia... a Opera...  
a Opereta... o Dramalhão... e a Ma-  
gica. (*Comprimentos mudos.*)

FAUSTINO.—E o Drama ? e a Come-  
dia ?

DRAMALHÃO.—Não estão em casa.

OPERETA.—Ils sont allés ao theatro  
de S. Pedro de Alcantara.

TRAGEDIA.

Onde n'este momento são honrados  
Por um talento lucido, assombroso !

TODOS.—A Duse-Cecchi !

JOGATINA.—Tragedia, dize a este se-  
nhor o que lhe podes offerecer.

TRAGEDIA.

O que lhe posso offerecer... Vergonhas !  
Doces lembranças de um passado morto,

Quando ainda no palco fluminense  
 Brilhava á luz da rampa o grão Racine  
 E o terrível Corneille illuminava  
 Com o genio seu do povo a intelligencia;  
 Quando Antonio José queimado ardia  
 Da Inquisição na estúpida fogueira,  
 E Hedelmonda morria aos pés de Othelo,  
 E a nova Castro soluçava idyllios,  
 A Nova Castro que hoje raramente  
 O Florindo remonta e o bom Barbosa.

*(Todos os personagens vão aos poucos  
 dormindo em pé.)*

Ultimamente reanimar quizeram  
 O meu cadaver classico: de Hespanha  
 O *Seio da Morte* Echegaray mandou-nos,  
 Que dous mancebos, talentosos ambos,  
 Vencendo o somno, traduzir lograram.  
 Baldado esforço! Nem valeu ter sido  
 Recommendado o poema por um Cezar!  
 De bem alto cahio: foi grande a quéda!  
 Mas, justos céos! que vejo! todos dor-  
 mem!

Ao trefego Morpheu quando eu declamo!  
 Ninguem resiste! Oh! fado! oh! sina!  
 oh! numes!

Se, porém, quereis ver como despertam,  
 Basta que eu cante um pandego estri-  
 bilho

De insulsa opera-buffa! E vou fazel-o!:

*(Cantando e dansando ao som da  
 Mascotte.)*

Mas ninguem tema o macacão,

Qu'hão deitar-lhe...

Qu'hão deitar-lhe...

Mas ninguem tema o macacão,

Qu'hão de deitar-lhe a mão:

Zás!

(*Têm todos despertado, e dansam*).

Vistes ? Foi necessario que eu espojasse  
No chão bregeiro a clamyde sagrada  
Para que o som da minha voz ouvissem !

(*Vae para o fundo*).

FAUSTINO, *aparte*.— Será o Trabalho,  
disfarçado ainda ?

JOGATINA.—Para este genero são pre-  
cisos actores excepcionaes. — Drama-  
lhão, que novidades nos dás ?

DRAMALHÃO. — Nenhuma, senhora, se  
bem que ainda não soasse a hora de  
meu anniquillamento.

FAUSTINO.—Que ! pois não tens nada  
de novo ?

DRAMALHÃO.—Não ! que não é novo o  
*Palhaço*, um dramalhão em que João  
Caetano transformava D'Ennery em  
Schakspeare... Não são novas as *Duas*  
*orphans*... e os *Estranguladores de Pariz*  
há muito tempo estrangulam a paciencia  
do publico... Não é nova a *Cruz da*  
*Morta* nem o *Assassino por amor*, nem  
o *Remorso vivo*, nem *João o cocheiro*,  
que não é outro senão o *Guia da monto*,  
*nha*, que não é outro senão o *Fiacre*  
*numero 226*. Mas vou reanimar uma  
grande figura, immensa no romance,  
decrescida no theatro, mas sempre in-  
teressante e eterna.

TODOS.—Qual ?

DRAMALHÃO.—Resurge, Edmundo Dan-  
tés, abbade Busoni, Simbad o maritimo,  
Zaconne, Conde de Monte Christo !  
(*Forte na orchestra. Surge de um alça-  
pão o Conde de Monte Christo.*)

## SCENA IV

Os mesmos, o CONDE DE MONTE-CHRISTO.

CONDE DE MONTE-CHRISTO. — Teme-  
rario ! quem te auctorisou a me filiares  
ao teu genero falso e condemnado ?  
Porque evocas o meu prestigio para  
inoculares em tuas veias depauperadas  
uma gotta do meu sangue romantico ?  
Não receias que eu puna a tua audacia?...  
e que, depois de encerrado, por tantos  
annos, no castello de If do esquecimento  
publico, eu volte com todas as vehe-  
mencias, com todas as energias ?

DRAMALHÃO. — Vilão, que usas de  
muitos nomes, como os vagabundos e  
ratoneiros ; conde macanjo, que assim  
pagas a nova existencia que eu te pro-  
porciono ! Não temes que eu te obrigue  
a assignar termo de bem viver ?

CONDE DE MONTE-CHRISTO.—Uso de  
muitos nomes, é certo ; mas o meu nome  
verdadeiro... basta que eu o pronuncie  
para fulminar-te, a ti e a todos os teus  
adeptos !

DRAMALHÃO.—E esse nome é... ?

CONDE DE MONTE-CHRISTO.—Alexandre  
Dumas !

TODOS.—Ah ! (*Fogem. Ouve-se dentro  
um tiro.*)

CONDE DE MONTE-CHRISTO.—Ah ! ah !  
ah ! (*Some-se. Voltam todos, menos o  
Dramalhão.*)

## TRAGEDIA.

O Dramalhão, coitado ! suicidou-se !  
Mova-me a piedade o seu suicidio !

FAUSTINO, *da porta*.—Já se foi embora esse maluco ?

JOGATINA.—Amenizemos esta scena lugubre.—Magica !

MAGICA.—Que desejas, princeza Virtuosa ?

JOGATINA.—Deixa-te de ironias. Que novidades me offereces ?

MAGICA.—Vem commigo á rocha de ouro, onde se occulta o feiticeiro azul.

FAUSTINO.—Não é isso o -que desejamos.

MAGICA.—Que pretendes, mortal ousado ? Trazes contigo o talisman da fada de coral ? e o ramo de esmeralda da deusa das buzinas ?

FAUSTINO.—Quem é essa deusa das buzinas ?

JOGATINA.—Deve ser uma especie de Mariquinhas dos Apitos.

FAUSTINO.—Não ; não trago buzinas nem apitos. (*Aparte.*) Que diabo de estylo tem esta mulher !

MAGICA.—A fada Melusina e o principe Formoso...

JOGATINA.—Não se trata agora d'isso... Que novidades me offereces ? E' a segunda vez que te faço tal pergunta.

MAGICA.—Uma só: o *Genio do Fogo*.

FAUSTINO.—Que genio é esse ?

MAGICA.—Elle proprio t'o dirá... Genio do Fogo, surge do teu reino subterraneo ! (*Surge do chão o Genio do Fogo.*)

## SCENA V

Os mesmos, o GENIO DO FOGO.

MAGICA.—Eil-o !

FAUSTINO. — Apezar da propaganda abolicionista, vale bem 900\$000 pela nova lei.

JOGATINA. — Enganas-te : não vale nada. Experimenta : dirige-lhe a palavra.

FAUSTINO.—Então ? Diga alguma coisa ! (*O Genio do Fogo ri-se alvarmente.*)

JOGATINA.—Vês ? Estupido como uma porta !

TRAGEDIA.

Tempos ! ó tempos ! rapidos passastes !  
Eis o theatro brasileiro, ó Numes !

(*O Genio ri-se como acima.*)

JOGATINA.—Sabes que mais ? Rua !

FAUSTINO.—Rua, ou mando-te raspar a cabeça na policia ! Rua ! (*O Genio do Fogo some-se, rindo-se sempre.*)

JOGATINA.—Este genio do fogo não tem o fogo do genio.

SCENA VI

Os mesmos, menos o GENIO DO FOGO.

OPERA.—Com effeito ! estou aqui ha duas boras, eu, a Opera, o genero theatral mais nobre e elevado, e ninguem me dá importancia, ninguem me dirige a palavra, como se eu fosse para ahi qualquer coisinha !

OPERETA.—Vous n'avez pas razão de queixa, porque sois mui cara. Io tengo più ragione di essere irritata !

OPERA.—Já lhe tenho dito um milhão de vezes que não se metta com a minha vida... Entre nós nada ha de commum !

FAUSTINO.— A Opera e a Opereta escamam-se !

JOGATINA.—Andam sempre assim !

OPERETA.—Esta orgulhosa se imagine que me fait peur ! No la temo !

FAUSTINO.—Reparaste que a opereta falla todas as linguas ao mesmo tempo ?

JOGATINA.—Menos a portugueza.

OPERA.—Um sopro meu é bastante para pulverisar-te !

FAUSTINO.—Temos outra vez a scena do Monte Christo ? !

OPERA.—Julguem-nos ! Julguem entre a *Gioconda* e a *Ave do paraizo* !

OPERETA.—Si tu m'insultes, dou-te um bofetão, e te quedarás con el.

OPERA.—Um bofetão ! Em mim ? ! Em mim !... Oh ! !...

DUETTO.

OPERA.

Opereta incivil, malcreada,  
Que o bom gosto expulsou de Pariz,  
Vae haver uma grande estralada  
Se a mostarda me chega ao nariz !

OPERETA.

Não supponhas, mulher, que o teu luxo  
De despeito me faça estoirar !  
Eu protesto que aguento o repuxo  
E te posso com os pés esmagar !

OPERA.

Que me toques duvido !

OPERETA.

Olha lá, não me assustes !

OPERA.

Sou mais forte, verás !

OPERETA.

Deixa-me em paz!

JUNTAS.

OPERA.

Opereta incivil, etc.

OPERETA.

Não supponhas, mulher, etc.

(*Engalfinham-se; jogatina separa-as.*)

JOGATINA.—Então, minhas senhoras, então? Isso é feio! A Opera e a Opereta podem viver perfeitamente sem se engalfinharem!—Vamos lá, digam-me: que novidades nos offerecem? (*A Opera e a Opereta fallam ambas ao mesmo tempo.*)

OPERA.—A *Gioconda*! Vem ver como é bella! Que musica! que bailados!...

OPERETA.—A *Ave do Paraizo*, a *Prinzeza das Canarias*... *Amar sem conhecer*... Vem ver que lindas!

JOGATINA.—Ta, ta, ta, devagar! Cada qual por sua vez!

FAUSTINO.—Ouvi fallar em bailados: são coisa que se veja?

OPERA.—Os bailados da *Gioconda*? Estupendos! Principalmente o das horas!

JOGATINA.—O bailado das horas! Ah! é bellissimo!...

OPERA.—Querem ver? (*Faz um signal ao regente da orchestra.*) Faz favor? (*Musica.*)

BAILADO DAS HORAS.

FAUSTINO, *a Jogatina*.—Para fallar-te francamente : ainda não vi coisa que me enchesse as medidas.

JOGATINA.—Talvez que entre os hospedes encontres alguns que te agradem.

FAUSTINO.—Como entre os hospedes ?

JOGATINA.—Sim, porque os theatros dão muitas vezes hospedagem a outros generos de espectaculos, que não são nem a tragedia, nem o dramalhão, nem a opera, etc.

FAUSTINO.—Ah! comprehendo... Que temos então ?

JOGATINA.—A Estudiantina Figaro, por exemplo.

FAUSTINO.—Nada ; estudiantina já ouvimos uma, e é quanto basta.

JOGATINA.—O capitão Voyer, que é coisa papafina e unica no seu genero.

FAUSTINO.—Ah, sim ? Que faz esse capitão ? E' algum mestre de armas ?

JOGATINA.—Não ; é um musico.

FAUSTINO.—Que instrumento toca ?

JOGATINA.—O mais vulgar, porém não o menos apreciado. Vaes ver. (*Fazendo um signal para dentro.*) Eh ! ó capitão!...

## SCENA VII

Os mesmos, o CAPITÃO VOYER, depois o TRABALHO.

CAPITÃO VOYER, *entrando a conduzir um realejo-piano, assente sobre duas rodas*.—Cá estou !

FAUSTINO.—Um realejo !...

OPERA.—Oh !...

CAPITÃO VOYER.—Um realejo-piano !

Ha muito quem diga que qualquer pôde tocar este instrumento, em que tenho adquirido justa e merecida celebridade. E' um engano! E' preciso bravura e expressão. Eu, como pianista, tenho a expressão, e, como capitão, tenho a bravura! Ah! este instrumento tem tambem os seus segredos, como outro qualquer. E, senão, vejam ... (*Toca.*) Andante... Allegro... Affrettato... Ralento... Allegretto... Più mosso... Presto... Prestissimo... Prestississimo...

JOGATINA.—Não ha duvida: o capitão com o seu instrumento vae longe!

FAUSTINO.—Vae, sim; e quem o manda sou eu.

CAPITÃO.—E vou mesmo. Piano, piano, se va lontano. (*Sae tocando*)

FAUSTINO.—Este capitão está no matto!—Que mais temos?

JOGATINA.—Temos o Bosco, o grande Bosco!... (*Fazendo um signal.*) Entre o Bosco! (*Um elephante entra e atravessa a scena; quando passa perto de Faustino, sae o Trabalho de uma das pernas.*)

TRABALHO, a Faustino. — Vem trabalhar! Vem, ao menos, ser perna de elephante!

FAUSTINO.—Oh, senhor!... que sarna!...

JOGATINA.— Bem; só me resta mostrar-te os leões nubianos.

FAUSTINO.— Nada de brincadeiras! Deixa lá ficar os leões! Mostra-me animaes menos perigosos...

JOGATINA.— N'esse caso, venha o pessoal do Sr. Salvini! (*A um signal, en-*

*tram os macacos, que executam uma pequena dansa, rodeando a Tragedia.)*

TRAGEDIA, *declamando durante a dansa.*

Não faltava mais nada ! Eis o theatro  
 A que está reduzido n'esta terra !  
 Leões, macacos, elephantes, tigres,  
 Gatos, cachorros, cabras e cavallos...  
 E' uma arca de Noé, não é theatro !  
 Sobre os hombros Martins o encargo toma  
 De reanimar o palco brazileiro,  
 E o esforço seu não é recompensado !  
 Tres peças nacionaes debalde exhibe !  
 Nem o *Luxo e vaidade*, de Macedo,  
 Nem a *Lei de Vinte e Oito de Setembro*,  
 Nem *Venenos que curam*—chamam gente  
 E o publico despertam ! Eis o theatro  
 A que está reduzido n'esta terra !...

### SCENA VIII

Os mesmos, o RECREIO DA CIDADE NOVA.

RECREIO. — Então commigo não se conta ?

Todos. — Quem é ?

RECREIO. — Quem é... quem é... Olha as impostorias ! Oh, gentes ! eu sou o Recreio da Cidade Nova !

Todos. — Olá !...

JOGATINA. — O ex-Philomena Borges !

RECREIO. — Então ? não se façam de bãos, porque tão bão como tão bão. O pobre tambem veve.

FAUSTINO. — Oh, amigo, olhe que não é veve : é vive.

RECREIO. — Eu bem sei, seu doutô, eu bem sei... Mas disse veve muito de

preposito para levar a coisa ao superlativo !

MAGICA.— Mas que desejas, mortal ousado ?

OPERA.— Dites-nous ce que usted pretende !

OPERA.—E prompto !

TRAGEDIA.

Sim, que pretendes, capadocio ? Falla !

RECREIO.—Cá o Degas vem convidar toda a mestrança para assistir a uma arrepresentação da *Morgadinha de Val-Flôr*.

Todos, *escarnecendo*.—Oh ! oh ! oh !...

RECREIO.—Se vissem como o diabo da comica vae bem ! (*Arremedando*.)  
« Criança, sabes lá o que é o amor ! Lago que a brisa encrespa, e que já se julga oceano ! Sabes o que são as longas insomnias, as noites sem repouso, os dias sem distracção ? Oh, não ! não ames nunca, criança... Deixa-me passar, quero vel-o ! » Venham, venham, que ninguém se ha de arrepender-se !

Todos.—Pois vamos ! vamos !...

RECREIO.—Mas, antes d'isso, ouçam lá o lundú do Recreio da Cidade Nova !

Todos.—Ouçamos ! ouçamos !...

LUNDÚ.

RECREIO.

I

Quem quer que a noitada  
Se passe depressa,  
Que compre uma entrada  
P'ra ouvir uma peça !

CÔRO.

Ah! Ah!  
Ah! ah! ah!

RECREIO.

Bonito, Felipe!

CÔRO.

Quá! quá! quá!

RECREIO.

II

O drama na scena  
Não anda á matroca :  
Não sou Philomena,  
Não sou João Minhoca!

CÔRO.

Ah! ah!  
Ah! ah! ah!

RECREIO.

Ahi, seu Felipe!

CÔRO.

Quá! quá! quá!...

RECREIO.

III

E, se continúa  
Successo assim tanto,  
Eu vou para a rua  
Do Espirito-Santo...

CÔRO.

Ah! ah!  
Ah! ah! ah!

RECREIO.

Attaca, Felipe !

CÔRO.

Quá! quá! quá!

Todos.— Bem! vamos! vamos!...  
(*Saem. Mutacão.*)

### QUADRO NONO

A caixa do theatro S. Pedro de Alcantara, vista de dentro para fóra. A scena passa-se no palco. Ao fundo, o panno de bocca está descido. A scena está ás escuras.

### SCENA PRIMEIRA

O TRABALHO, depois EMPREGADOS DO

THEATRO.

(*Entra o Trabalho, disfarçado em gazista, e começa a accender as gambiarras. Pouco a pouco apparecem alguns empregados, que descem ao proscenio.*)

CÔRO.

E' trabalhar

Sem mais tardar !

Tempo não ha p'ra descançar !

TRABALHO.

« E' trabalhar » e não se mexem !  
Isto déveras me exacerba !

Meus bons amigos, não me vexem...  
Trabalhem, pois, e *res non verba!*

## CÔRO.

Oh, que gazista amollador !  
 Ordena como um grão senhor !  
 Meu caro amigo, melhor faz  
 Se fôr tratar de ver o gáz !  
 E' trabalhar etc.

1.º EMPREGADO.—Parece que a madame Xexí não está boa...

2.º EMPREGADO.—Não é Xexí... é Xéxe.

3.º EMPREGADO.—Não é Xéxe... é Checchi.

TRABALHO.—Ora Xexí ! D'aqui a pouco vocês chamam ao Andó Xuxú !

1.º EMPREGADO.—Então para que escrevem com ch ? C, h, é, ché ; c, h, i, chi, Chechi.

2.º EMPREGADO.—O bonito é se não ha espectáculo !

1.º EMPREGADO.—Seria a segunda transferencia n'esta semana.

TRABALHO.—Vão trabalhar... deixem-se de prosa.

1.º EMPREGADO.—Ora cuide de sua vida ! (*Aos outros*) E' cacete este gazista !

TRABALHO.—Sou cacete, porque não gosto de vadiação. Valha-os Deus ! valha os Deus ! (*Sae.*)

1.º EMPREGADO.—Gósto muito da peça que vae hoje.

2.º EMPREGADO.—Tambem eu. Quanto mais se a gente entendesse !

1.º EMPREGADO.—Sempre queria que me dissessem porque elles não representam em portuguez !

3.º EMPREGADO.—Pois se são italianos !

1.º EMPREGADO.—Por isso não: todos os theatros estão cheios de estrangeiros que representam em portuguez!

2.º EMPREGADO.—E' verdade! Tu não viste o Bordrini?

1.º EMPREGADO.—E a Rosa Mariz?

2.º EMPREGADO.—E o Poleiro... e o Vanimal...

3.º EMPREGADO.—Esse não é estrangeiro: é portuguez. (*Durante este dialogo, os empregados, que não fallam, têm arranjado a scena.*)

## SCENA II

OS EMPREGADOS, O EMPREZARIO.

EMPREZARIO.—Sono otto ore... La scena é arranjata?

1.º EMPREGADO.—Oui, monsiú.

EMPREZARIO.—Domandate dunque a la signora Duse se è prompta?

1.º EMPREGADO.—Oui, monsiú.

3.ª EMPREGADO.—Parece que a madama não está bôa.

EMPREZARIO.—E' malata la signora Duse? Ma Dio! andate a vedere... Andate via e ritornate presto!

1.º EMPREGADO.—Oui, monsiú (*Sae a correr. Os outros empregados afastam-se pouco a pouco e saem.*)

EMPREZARIO, só.—E' amalata, ma recita: questo é l'essenziale. Una bella serata!... Tutti i palchi sono venduti!... Molta gente! brava gente! Vá bene, vá benissimo! Io sono un imprezario veramente felice!

## SCENA III

O EMPREZARIO, JOGATINA, FAUSTINO.

JOGATINA, *vcstida como no quadro precedente*.—Oh! meu caro! como tem passado?

EMPREZARIO. — Bene, grazie tante. Cosa vuole?

JOGATINA.—Este senhor é pessoa de minha amisade...

EMPREZARIO.—Buona sera, signore.

FAUSTINO.—... e queria uns bilhetes para o espectáculo.

EMPREZARIO.—Per lei? palco?... cadeira?...

FAUSTINO.—Cadeiras... algumas cadeiras.

JOGATINA.—Per il cambio...

EMPREZARIO.—Ah! capisco!... quante ne vuole?

FAUSTINO.—Io non parlate italiano.

JOGATINA.—Bastam vinte e cinco ou trinta. Amanhan pela manhan elle trará o quatrini.

EMPREZARIO. — Oh! no, no! Fiato, no!...

JOGATINA. — Eu responsabiliso-me. (*Sorrindo com faceirice.*) E' capaz de recusar a minha firma?

FAUSTINO, *aparte*.—Bôa firma!...

EMPREZARIO.—Bene! bene!... me ne vó a vedere. Aspetate un pó. (*Sae, e Jogatina vae espreitar, pelo buraco do panno de bocca, para a plateia.*)

## SCENA IV

Os mesmos, o TRABALHO.

FAUSTINO.—Bom; as bichas pegaram.

Arranjarei uns trinta ou quarenta bodes... Vou até á bilheteria... (*Vae a sahir, e encontra o Trabalho, que lem entrado com o accendedor na mão.*)

TRABALHO.—Um momento !

FAUSTINO, *fóra de si*.—Ora bolas ! isto já passa de desaforo !...

TRABALHO.—Toma este accendedor !

FAUSTINO.—Pois até gazista ? ! Você tem mais profissões do que o Conde de Monte-Christo !

TRABALHO, *imperturbavel*. — Vae acender o gaz do porão.

FAUSTINO.—Não me aborreças, senão queixo-me ao empresario, que alli vem...

TRABALHO.—Tempo virá em que te has de arrepender...

FAUSTINO.—Isso já é um estribilho... Olhe, ponha-o em musica, e appareça. (*O Trabalho sae.*)

JOGATINA, *voltando-se*.— Parece que ha grande influencia.

(*O contraregra entra e dá signal para a orchestra; pouco depois ouve-se a ouvertura.*)

## SCENA V

Os mesmos, o EMPREZARIO.

EMPREZARIO, *dando bilhetes a Faustino*.—Ecco ! Domani matina lei me aporterá il danaro ?

FAUSTINO.—Essa é boa ! Hoje mesmo... não é preciso domani matina... hoje mesmo antes, de acabar o spectaculo.

EMPREZARIO.—Tanto meglio... Aspetteró...

JOGATINA.—E nós, vamos...

EMPREZARIO.—Addio... addio... Sono

occupatissimo, e stá per comminciare lo spetacolo. (*Saem Faustino e Jogatina.*)

### SCENA VI

O EMPREZARIO, o CONTRAREGRA, depois uma ACTRIZ, um ACTOR e VARIAS PESSOAS.

CONTRAREGRA, *entrando com um castiçal e um papel na mão.*—Prompto ?

EMPREZARIO.—Prompto !

(*A Actriz entra, cercada por muitas pessoas, que a comprimentam, e dirige-se para o fundo. Rumor e conversação imperceptivel durante algum tempo*)

CONTRAREGRA, *ouvindo parar a orchestra.*—Fóra de scena !... fóra de scena !... (*Apita. A scena esvasia se como por encanto. Só ficam A actriz e o Actor, ao fundo, de costas para o publico. Novo apito. Sobe o panno de bocca, e ouve-se uma grande salva de palmas.*)

### QUADRO DECIMO

A sala do theatro S. Pedro de Alcantara, vista da caixa, em noite de espectaculo e de enchente real.

### SCENA UNICA

A ACTRIZ, o ACTOR, depois o EMPREZARIO, EMPREGADOS e CURIOSOS, depois UM SUJEITO QUE QUER SABER PARA ONDE SE MUDOU A COMPANHIA MONTEDONIC.

(*Durante o dialogo que se segue, e que póde ser dito de modo que os espectadores reaes pouco percebam, a Actriz vae pouco e pouco parecendo incommodada, até que desmaia.*)

ACTOR.—Signora duchessa, ha visto il conte ?

ACTRIZ.—Non me ne parlate. Questo uomo esercita un sinistro influsso sulla mia esistenza ; è il mio cattivo genio. Con tutto questo, una forza irresistibile mi spinge, malgrado mio, verso di lui !

ACTOR.—Voi l'amate.

ACTRIZ.—E chi ne sa ? Questo uomo... *(Interrompendo-se.) Ah ! (Leva a mão ao peito. O Actor corre para ella e ampara-a. Cai o panno do fundo. A scena enche-se de pessoas que correm para a Actriz, carregam-na e levam-na para o interior. Ao mesmo tempo os empregados tiram os accessorios de scena.)*

EMPRESARIO, *entrando, fóra de si.*—Dio ! Dio ! La signora Duse sempre ammalata ! Il signor Rossi ammalato ! La signora Aleoti é stata ammalata ! Tutti sono ammalati ! Di questa maniera anch'io finirò per cadere ammalato ! Ma come la signora Duse, una donna così ideale, così delicata, è vittima di una indigestione ! — Pazienza ! Pazienza !... *(Vae a sahir e encontra o sujeito que quer saber para onde se mudou a companhia Montedonio.)*

O SUJEITO, *entrando.*—Bôa noite: sabe me dizer para onde se mudou a empresa Montedonio ?

EMPRESARIO.—Lasciate-me, seccatore ! *(Sae.)*

SUJEITO, *só, ao publico.*—Pois não ! Dizem-me que a empresa Montedonio está na Phenix : vou á Phenix e bato com a cara na porta. O barbeiro de defronte informa-me que o Montedonio

foi para o Principe.—Corro ao Principe: qual Montedonio qual nada! O barbeiro da esquina explica-me a coisa: o Montedonio foi para Nitheroy.—Tomo a barca, atravesso a bahia... Qual Montedonio nem meio Montedonio! Um barbeiro, que faz barbas a seis vintens (Sendo em duzia ha um abatimento), diz-me que o Montedonio viera para o Lucinda. Toca para o Lucinda: nem novas nem mandados! Estará elle no Polytheama? Eu queria impingir-lhe a minha peça *Os filhos da gentalha*... Vou informar-me com o barbeiro da ilharga. Addio! (*Sae Mutaçãõ.*)

### QUADRO DECIMO PRIMEIRO

O terraço do theatro S. Pedro de Alcantara, em noite de espectaculo.

#### SCENA PRIMEIRA

ESPECTADORES de ambos os sexos, JOGATINA e FAUSTINO, que entram no fim do côro.

CÔRO.

E' monumental!  
Viram coisa igual?  
Que estopada!  
Que massada!  
E por mangação  
Outra peça dão!  
A Duse está doente;  
Mas o que será?  
Ella enferma está...  
'Stá constantemente!  
E' monumental! etc.

FAUSTINO, *entrando, acompanhado por Jogatina.*—Bonito! E agora?

JOGATINA.—Quem esperava por isto?

FAUSTINO.—Já é caiporismo! E ainda vem o tal Andó, muito lampeiro, dizer que, em vez do drama, se representam duas comedias em que não entra a Duse!...

JOGATINA.—Foste roubado.

FAUSTINO.—Ainda se transferissem o espectáculo e restituissem o dinheiro das cadeiras...

JOGATINA.—Restituissem! Mas se não pagaste?

FAUSTINO.—Pois justamente n'isso é que estava o cambio...

JOGATINA.—Afimal de contas, és tu que me dás lições... Que bilontra!

FAUSTINO.—Agora ninguem comprará o resto dos bilhetes! E eu fiquei de os pagar... Ora adeus! mais uma victima pouco importa!... (*Vão para a balaustrada do terraço e olham para fóra.*)

## SCENA II

Os mesmos, COMMENDADOR, CAROLINA e ALEXANDRE.

COMMENDADOR.—Pois eu sou fanatico por ella! Aquillo é que é talento! Ignoro quaes sejam as opiniões politicas d'esta excellente actriz, mas a verdade deve dizer-se.

CAROLINA.—Mas é tão feia... tão expandongada...

ALEXANDRE.—Não diga isso, prima Carola... eu acho-a até elegante!

CAROLINA.— Com aquelles braços para traz e os vestidos a lamberem o chão?

ALEXANDRE.— Por isso mesmo; sae fóra do commum.

CAROLINA.— E o andar? Que desengonçada! Até já ouvi dizer que ella tem uma perna mais comprida que a outra!

COMMENDADOR.— Oh! menina! não é assim que se faz critica dramatica! (*Outro tom*) Vocês querem tomar alguma coisa?

CAROLINA.— Não senhor; vá vocemecê tomar o que quizer, que nós ficamos tomando fresco.

COMMENDADOR.— Então vou saborear um grög alli junto ao Antonio José.

CAROLINA.— Titio está no theatro?

COMMENDADOR.— Não; não é de teu tio Antonio José que fallo... é do Antonio José, poeta comico, sêgundo diz o letreiro, mas em quem nunca ouvi fallar.

ALEXANDRE.— Ah! é o Antonio José, de Almeida Reis.

CAROLINA.— Não conheço nenhum Antonio José de Almeida Reis.

COMMENDADOR.— Nem eu. (*Sae.*)

ALEXANDRE.— Que idéa! fazerem bo-tequim no salão!

CAROLINA.— Nunca pensei que o theatro ficasse tão bonito!

ALEXANDRE.— Escapou de pegar fogo o outro dia... Lá se iam os trezentos contos que o Banco despendeu.

CAROLINA.— Chi! Tanto assim?

ALEXANDRE.— Então? Dinheiro alheio não custa a gastar. (*Vendo Faustino e Jogatina.*) Oh! Prima... (*Apontando para elles.*) Olhe! (*A este tempo Faus-*

*tino e Jogatina têm se voltado sem ver Carolina.)*

CAROLINA — Seu Faustino !...

ALEXANDRE.— Que lhe disse eu ?...  
Veja com quem está elle !

CAROLINA.— Ah ! (*Desmaia nos braços de Alexandre. Faustino, que a vê, foge com Jogatina.*)

COMMENDADOR, *entrando*.— Minha filha !... Carola !... Que succedeu ? !  
(*Varios espectadores se aproximam.*)

ALEXANDRE.— Levemol-a d'aqui !

COMMENDADOR. — Vamos tomar um carro ! (*Saem, levando Carolina.*)

UM ESPECTADOR.— Coitada ! foi talvez o calor !

OUTRO.— Ora, seu Cunha, você acredita em faniquitos de mulher ?...

### SCENA III

ESPECTADORES, FAUSTINO, JOGATINA, que voltam.

FAUSTINO.— Agora é que estou arranjado de uma vez ! Lá se foram as minhas esperanças !

JOGATINA.— Qual historias ! Por te ver commigo não é que ella te desprezará. O ciúme é o *Amer Picon* do amor ! Comtanto que o commendador não descubra a falcatrua do baronato antes de casares com a filha !... (*Ouve se barulho na rua. Apitos.*)

1º ESPECTADOR.— Que será ?

2º ESPECTADOR.— Correm todos para a rua do Sacramento !

1º ESPECTADOR. — E' um incendio !  
(*Vê-se um grande clarão ao fundo.*)

FAUSTINO.—Um incendio !...

JOGATINA.—Para o lado do Thezouro !

FAUSTINO.—Do Thezouro ?! Aproveitemos !...

JOGATINA.—Espera : é na rua do Hospicio.

FAUSTINO.—Ora !

2º ESPECTADOR.—Qual ! é muito mais perto ! (*Barulho de bombas que passam, agitando as sinetas.*)

FAUSTINO, *para a rua, gritando.*—Pscio ! ó Marques ! ó Marques ! Onde é o fogo ?...

A VOZ DE UM BOMBEIRO.—No Monte-Pio!

TODOS.—No Monte-Pio! Corramos!... (*Forte na orchestra. Musica durante todo o quadro seguinte. Mutação.*)

## QUADRO DECIMO SEGUNDO

O incendio do Monte-Pio.

SCENA UNICA

FAUSTINO, O TRABALHO, BOMBEIROS,  
AUCTORIDADES, POVO.

(*Os bombeiros trabalham activamente na extincção do incendio. As auctoridades crusam-se em diversos sentidos. Entre os espectadores está Faustino. O Trabalho, vestido de bombeiro, apaga o fogo ; mas, vendo Faustino, deixa o serviço e corre para elle*)

TRABALHO.—Um momento !

FAUSTINO.—De bombeiro ?!

TRABALHO.—Toma esta manga e apaga o fogo !

---

FAUSTINO.—Apago, pois não! Toma lá! (*Dá-lhe um pontapé.*)

TRABALHO, *levando a mão á parte offendida.*—E' o terceiro pontapé que das no Trabalho : has de...

FAUSTINO.— « Has de te arrepender etc., etc... » Não precisas dizer mais... (*Continúa o serviço daextincção do incendio, que cada vez augmenta mais.*)

---



## ACTO III



### QUADRO DECIMO TERCEIRO

O Derby Club.

#### SCENA PRIMEIRA

SPORTSMEN, que passeiam de um lado para outro, conversando, apostando, etc. ; depois o COMMENDADOR, CAROLINA e ALEXANDRE.

CÔRO.

Bello prado ! prado esplendido !  
Que bem feito e bem pintado !  
Satisfeito se acha o publico !

Bello prado ! . . .

Aqui tudo nada em jubilo,  
Tudo aqui se acha contente,  
Porque ver correr bucephalos  
Hoje é moda, felizmente.  
Perca embora algum dinheiro,  
Saciado fica o povo ;  
Um divertimento novo  
Torna-o logo prazenteiro !

1º SPORTMAN.—Deixem lá ! é o mais bonito dos prados !

2º SPORTMAN.— Eu prefiro o Club Athletico Fluminense, que tambem se inaugurou este anno.

1º SPORTMAN.—Pelo amor de Deus, Sr. Xavier, não confunda as coisas. Club é club e prado é prado.

2º SPORTMAN.—Isso sei eu; não me dá novidade.

1º SPORTMAN.—E lá quanto a corridas, antes quero as de animaes. Isto de burrinhos sem cauda não é commigo.

COMMENDADOR, *entrando com Alexandre e Carolina*.—Está um sol de rachar!

ALEXANDRE.—Quanto mais se meu tio fosse ao Hippodromo Guanabara!

COMMENDADOR.—Vamos para as archibancadas.

CAROLINA.—Ainda é cedo, papae; deixe a gente ver isto cá em baixo.

COMMENDADOR.—Então esperem um pouco... Vou comprar uma poule... Eu sou liberal da velha guarda, mas confesso que de vez em quando gosto de arriscar meus dez mil réis na pata de um cavallo... De resto, o sport nada tem com as opiniões politicas do cidadão.

ALEXANDRE.—Oh! certamente!

COMMENDADOR.—E depois, o melhoramento da raça cavallar... resultante do cruzamento dos burros francezes e inglezes com os burros brazileiros, que não são poucos, deve merecer a attenção dos patriotas como eu, quando mais não seja—por espiritode classe.—Qual é o teu palpite, Alexandre?

ALEXANDRE.—POR força de cavallo, ganha a Regalia.

CAROLINA.—Qual o que!... quem ganha é a Saphira, que é montada pelo Lourenço...

COMMENDADOR.—Pois está dito! vou comprar uma poule da Saphira. (*Sae.*)

CAROLINA.—Estou muito triste, primo Xandico: seu Faustino não me sae da cabeça... Mas você conhece aquella moça? Quem é? Que posição tem?

ALEXANDRE.—Tem uma posição... horisontal.

CAROLINA.—Horisontal o que é?

ALEXANDRE.—Costureira... cose para o Arsenal...

CAROLINA.—Oh! e sustenta aquelle luxo todo?!

ALEXANDRE.—Ora! ella até sustenta... que é uma senhora respeitavel!— Mas mudemos de conversa...

CAROLINA.—Para fallar de que?

ALEXANDRE.—Do meu amor!

CAROLINA.—Pois até aqui?

ALEXANDRE.—Aqui, como em toda a parte. Olhe, estou prompto para o casorio; só me falta o seu consentimento e uns cobres para o enxoval...

CAROLINA.—Esse pouco!

ALEXANDRE.—Tenho um bom emprego, e os patrões já me prometteram interesse na casa. Esqueça de vez aquelle patife, que é indigno de você.

CAROLINA, *meio resolvida*.—Pois sim; espere mais alguns dias... Hei de fazer a diligencia para me curar, e então...

ALEXANDRE, *contente*.—Ah!...

COMMENDADOR, *voltando*.—Cá estou armado com a poule. Vamos para cima.

CAROLINA e ALEXANDRE.—Vamos. (*Saem.*)

## SCENA II

JOGATINA, FAUSTINO, SPORTSMEN, depois o  
TRABALHO.

*(Durante o dialogo precedente, muitos sportsmen têm sahido de scena, e voltam agora, precedendo Jogatina, que entra elegantemente vestida de jockey. Faustino acompanha-a.)*

CÔRO.

O jockey novo eil-o aqui está!  
Jockey tão bello assim não ha!  
Nenhum de certo o ganhará!  
Vinte kilos não pesará!

JOGATINA.

RONDÓ.

Mim 'star um jockey superfine,  
Que aqui vem faz multe furor!  
Mim ganha vem libre sterline,  
Pois fica sempre vencedor!  
Lá no Inglaterra estar famose,  
E multe money mim ganhar;  
No haver jockey mais ditose...  
Mim dá bastante que fallar.  
Ouve dizer que brasileira  
Patotas mil gosta de faz:  
Mim não se presta a bandalheira,  
Porque 'star multe bom rapaz.

CÔRO.

E' bom rapaz! é bom rapaz!

JOGATINA.— Senhores, mim não gosta de conversa com pova... Patrão desconfia que mim quer faz patota... *(Os sportsmen afastam-se.)*

FAUSTINO, *confidencialmente*. — Mas, afinal, que queres tu que eu faça?

JOGATINA. — Aposta na Regalia, que é a egua que vou montar. (*O Trabalho entra, desfarçado em criado, trazendo um balde e uma escova na mão. Vendo os dous, pára e ouve.*)

FAUSTINO. — Mas olha o que fazes... Restam-me apenas uns magros cobres...

JOGATINA. — Não tenhas medo: com o poder mysterioso de que disponho, faço a egua ganhar pela certa.

FAUSTINO. — Então jógo?

JOGATINA. — Tudo. E se achares apostas por fóra, sem casar o cobre, péga em todas. Vem comprar as poules.

FAUSTINO. — Vamos lá. (*Saem.*)

TRABALHO. — Eu vinha offerecer-lhe esta escova, embora com risco de apanhar o quarto pontapé; mas, pelo que ouvi, vou mas é tratar de dar-lhe os contras. Oh! eu tambem disponho de um poder mysterioso! (*Sae. O proscenio está desembaraçado.*)

### SCENA III

1.º PROPRIETARIO, depois OUTROS PROPRIETARIOS.

1.º PROPRIETARIO, *entrando, montado n'um cavallinho de páo*. — Hop lá! hop lá! Cá está ella! Acaba de chegar da Europa com escala pelo Rio Grande! Ha de passar por meio sangue nacional! Os documentos estão perfeitamente em regra: filha de Lucifer e Bonita, tal qual o legitimo vinho do Porto, fabricado na rua do Passeio. (*Fazendo festas á*

*cabeça do cavallinho.) Vamos, negra ; vamos para o ensilhamento ! (Dirige-se para o lado do ensilhamento, d'onde saem varios proprietarios, montados em cavallinhos identicos, os quaes fazem uma evolução em roda do 1.º Proprietario.)*

CÔRO.

Caro amigo, não se zangue  
Com o que lhe vamos dizer :  
Essa besta é puro-sangue ;  
Aqui não pôde correr.  
Bem conhecemos a egua ;  
Não nos illude o animal ;  
A' distancia de uma legua  
Mostra não ser nacional.

1.º PROPRIETARIO.—Perdão, meus senhores ; tenho todos os documentos ! A egua é meio sangue. Ha de correr !

2.º PROPRIETARIO.—Qual meio sangue nem meio meio sangue ! Protestamos !

3.º PROPRIETARIO.—E' um abuso ! Não temos cavallos para vir um animal visivelmente estrangeiro bifar-nos os premios ! Se elle fallasse, haviam de ver que tinha sotaque !

1.º PROPRIETARIO.—Pois se é visivelmente estrangeiro, é provavelmente nacional !

2.º PROPRIETARIO.—E' a historia da Savana e outros.

1.º PROPRIETARIO.—E o Aymoré ?

2.º PROPRIETARIO.—Pois confesso : o Aymoré não é punga !

1.º PROPRIETARIO.—Mas tem-no feito passar por tal. Ha de restituir todos os premios que tem ganho !...

2.º PROPRIETARIO.—Ora tire o cavallo da chuva! Eu hei de restituir bem sei o que!

1.ª PROPRIETARIO.—Então cale-se e deixe correr o marfim... quero dizer: a egua!

TODOS.—Não ha de correr!

1.º PROPRIETARIO.—Ha de!

TODOS.—Não ha de!

1.º PROPRIETARIO.—Se não correr aqui, corre no Jockey-Club.

2.º PROPRIETARIO.—E nós fazemos grêve!

3.º PROPRIETARIO.—Apoiado! não corremos lá... isto é, os nossos animaes não correm!

1.º PROPRIETARIO.—Pois veremos quem vence!

TODOS.—Veremos! (*Saem, repetindo o côro.*)

#### SCENA IV

FAUSTINO, SPORTSMEN, depois BARGOSSO e MADAME BARGOSSO.

FAUSTINO.—Magnifico! Fui comprar tres poules da Regalia, e o vendedor deu-me quatro! Tudo é lucro! Que bom! (*Vendo um sportman.*) Olé! lá está o Tavares! Que bilontra! Vou ver se lhe filo vinte mil réis emprestados! O Tavares! Tavares!... (*Dirige-se para o grupo.*)

TAVARES, *que o vê.* — Chi! o Faustino!... que bilontra!... (*Sae apressado, perseguido por Faustino.*)

1.º SPORTMAN.—Olhem, lá vêm elles!

2.º SPORTMAN.—Quem?

1º SPORTMAN. — O Bargossi e a mulher.

Todos. — São... são elles mesmos.  
(*Entram a correr Bargossi e Madame Bargossi.*)

COPLA EM DUETTO E CÔRO.

(*Musica de Gomes Cardim.*)

BARGOSSI.

Eis o famoso Bargossi...

MADAME BARGOSSI.

E a sua cara metade.

AMBOS.

Vêm ambos nesta cidade  
Applausos mil conquistar.

BARGOSSI.

Ando tres leguas por hora!

MADAME BARGOSSI.

Sou mesmo uma roda-viva!

AMBOS.

A melhor locomotiva  
Não nos consegue apanhar!

MADAME BARGOSSI.

Corro mais do que o dinheiro,  
Que corre no mundo inteiro!

BARGOSSI.

Corro mais que as loterias,  
Que correm todos os dias!

MADAME BARGOSSI.

Mulher locomotiva: o mundo assim me chama!

BARGOSSI.

E a mim deve chamar — o homem telegramma!

FAUSTINO.— Não, não me hei de queixar! Recapitulemos, minha senhora, recapitulemos! A Ociosidade, que é muito boa pessoa, e se mostrou empenhada em servir-me, levou-me á sua presença e a senhora prometeu proteger-me. Quiz jogar na loteria. — Não; isto não vale nada. Antes as cartas! — As cartas pozeram-me na dependura. Desci ao vispora: fui perseguido e multado. Instigado pela senhora, roubei tres contos de réis por meio de documento falso. Esse dinheiro maldito não me aproveitou... perdi até o ultimo vintem na roleta. Recorri ao cambio á porta do theatro: nada fiz, senão pregar um escandaloso calote. O resultado das corridas foi aquelle que se vio! A estas horas o barão já descobrio que é tão barão como eu, e dona Carola não quer ouvir fallar de mim. E ainda a senhora me vem propor a fundação de um periodico d'essa natureza! Ora, boa noite!

JOGATINA. — E's mais tolo do que eu suppunha! Pois não vés que uma folha pornographica é o meio mais seguro de te fazeres valer?

FAUSTINO.— Como assim?

JOGATINA.— O barão tem calcanhares de Achilles por todo o corpo: está assim... (*Gesto.*) assim... de calcanhares de Achilles. Se elle te mostrar má cara, bumba! primeiro artigo! Continúa? Zás! segundo artigo! E o bom do homem não terá remedio senão chegar ás boas. Que queres tu, afinal de contas? O dote da rapariga, não é? Pois

faze o que eu digo, e dou uma perna ao diabo se não te sahires bem !

FAUSTINO.— E's um demonio !

JOGATINA.— Agora é que o sabes ?  
Um demonio, sim ! um demonio, e dos mais temiveis !

COPLAS

I

Tu, na verdade, és um pateta,  
E's tal e qual um Mané Zé ;  
Qualquer criança analphabeta  
Te poderá passar o pé !  
Bofé ! por Lucifer ! ao cabo  
De tanto tempo ao lado meu,  
Que eu seja um pandego diabo  
Ignora ainda este sandeu !  
Massa encephalica não tens...  
Eu não te dou meus parabens...  
Mas, emfim, como és muito bom rapaz,  
Por hoje só o meu perdão terás.  
Pif ! paf ! meu toleirão,  
Demonio sou, não ha questão,  
Nem demonio ha tão  
Taralhão,  
Tão  
Parlapatão !

II

Meu pae, o Jogo, esse demonio  
Nasceu do proprio Satanaz ;  
E o mundo tem por patrimonio,  
E nunca deixa o mundo em paz.  
Não é maior Mephistophéles...

FAUSTINO.

«Mephistophéles», dizes tu ?

JOGATINA.

Nem Asmodeu, nem nenhum d'elles,  
Entrando em conta Belzebuth.

FAUSTINO.

«Mephistophéles», diz você,  
Mas «Mephistópheles» é que é.

(*Declamando.*) Deixa estar que hei de  
consultar o astro Lopes.

JOGATINA.

Pif! paf! etc.

### SCENA IX

Os mesmos, GAMBÁ, um ANJO, vestido  
de verde e amarello.

GAMBÁ.— Meus senhores, bom dia.  
(*Ao anjo.*) Falla, meu anjo.

ANJO, *em tom de quem mendiga.*—  
Uma esmolinha para a festa da Inde-  
pendencia!...

JOGATINA.— Que quer isto dizer?

GAMBÁ.— Senhor, eu sou membro da  
Sociedade Commemorativa Sete de Se-  
tembro... quero dizer: eu sou a Socie-  
dade... esta menina representa o genio  
do Brazil. Andamos a angariar donativos  
para a festa que costumamos celebrar  
no Rocío. . Os castellos do anno pas-  
sado já estão prompts... Não ha nada  
menos ridiculo... O morro de Santo An-  
tonio já está capinado...

FAUSTINO.— Ah, meu amigo! veio  
bater a má porta.

JOGATINA.— Olhe, vá entrando; encon-  
trará lá dentro a quem dirigir-se.

GAMBÁ.— Com effeito! já não ha

patriotismo ! — Vamos, meu anjo ! (*Sae com o anjo. Pouco depois ouve-se a voz d'este, pedindo esmola.*)

FAUSTINO, *pensativo*. — Os genios acabam sempre por pedir esmola !

ILLUSTRÍSSIMA, *entrando*. — Com licença !

### SCENA X

FAUSTINO, JOGATINA, a ILLUSTRÍSSIMA,  
depois o TRABALHO.

JOGATINA. — Quem será esta castanha pilada ?

ILLUSTRÍSSIMA, *a Faustino*. — Vá dizer ao Diario de Noticias, que está aqui a Illustríssima, que lhe deseja fallar.

FAUSTINO. — Vá você, que não sou seu criado !

ILLUSTRÍSSIMA. — Está bem, está bem; não disse para offendel-o. (*A Jogatina.*) Como desejo este anno celebrar o Sete de Setembro de um modo digno de tão gloriosa data, distribuindo algumas cartas de liberdade, que já se acham aqui registradas... (*Mostra um livro de ouro que tem na mão*)

FAUSTINO. — Um livro de ouro ! Se eu o apanhasse...

ILLUSTRÍSSIMA, *continuando* — ...vinha pedir ao Diario de Noticias que se associasse a essa manifestação, dando um numero especial.

JOGATINA. — Mas porque não se dirige ao Diario Official, que agora se diz orgam ao governo ?

ILLUSTRÍSSIMA. — Por isso mesmo. Estou de candeias ás avessas com o tal go-

verno, que deu em andar se mettendo com a minha vida.

JOGATINA.— Percebo ; a Illustrissima quer fazer das suas á vontade. — Pois olhe, se quer fallar ao Diario de Noticias, vá por alli, que o encontrará lá dentro. (*A Illustrissima vae sahinda.*) Mas ouça cá : tenho que lhe dizer alguma coisa em particular.

ILLUSTRISSIMA.— Estou ás suas ordens. (*Saem ambas a conversar pela direita. Entra o Trabalho pela esquerda, disfarçado em typographo, e deita a mão ao hombro de Faustino.*)

TRABALHO.— Um momento.

FAUSTINO.— Já cá tardava !

TRABALHO.— Aqui tens este compoedor. Uma vez que aquelle demonio já te encasquetou na cabeça que deves entrar para a imprensa, vae aprender a nobre arte typographica.

FAUSTINO.— Tu fazes-me um favor ? Não me apoquentes... (*Desce.*)

TRABALHO.— Desgraçado! quando comprehenderás tu que só o Trabalho póde dar a honra, a gloria, a riqueza ?

FAUSTINO.— Isso não é teu : é do defunto Castilho.

TRABALHO.— Queres um exemplo ? Olha ! (*Aponta para o fundo, que se abre, deixando ver o grupo « Christo e a adúltera ». Musica em surdina na orchestra.*) Vé !...

FAUSTINO.— Que é aquillo ?

TRABALHO.— E' o resultado do estudo e do trabalho ! E' uma das mais grandiosas e mposições brazileiras ! E' o primoroso grupo « O Christo e a adul-

tera», de Rodolpho Bernardelli, a quem a velha Europa rendeu homenagem e o nosso governo acaba de galardoar! (*O panno desce, cessa a musica.*)

FAUSTINO.—Póde ser que tenhas razão... mas para estatuario, palavra! falta-me quéda.

TRABALHO.—Eu sei que só tens quéda para o vicio. O teu fim será funesto: quem foge do trabalho, foge da honra! (*Sae apressado, porque Faustino quer dar-lhe um pontapé*)

FAUSTINO.—Eu ainda mato este diabo!

JOGATINA, *voltando e fallando para dentro*—Pois faça o que lhe digo, e verá que não se arrepende.

## SCENA XI

FAUSTINO, JOGATINA, depois um  
ESQUELETO HUMANO.

FAUSTINO.—Que idéa deste tu á Illustrissima?

JOGATINA.—Aconselhei-a a estabelecer barraquinhas no campo de Sant'Anna, com sortes, cavallinhos, caminhos de ferro, etc., para divertimento do povo.

FAUSTINO.—Estás nas tuas sete quintas! E ella aceitou?

JOGATINA.—Ora, ora! Chegou o momento de tirares o pé do lodo. Desisto da idéa da folha pornographica. Vaes abrir uma barraquinha!

FAUSTINO.—Achas? (*Vendo ao fundo o Esqueleto, que tem entrado, com uma quilha de navio na mão, foge para o regulador da direita.*) Ui!

JOGATINA, *fugindo para o regulador da esquerda.*—Ai !

AMBOS.—Um esqueleto humano !

ESQUELETO, *sentando-se na quilha depois de a haver deposto no chão, e recitando ao som da orchestra.*

Eu vou contar-vos immediatamente  
O que o intendente da policia fez  
N'um anno cheio de acontecimentos :  
Mil setecentos e noventa e tres.

N'aquelle tempo o Vidigal famoso,  
Mais rancoroso do que um bicho mão,  
Tinha jurado aos Deuses seus prender-me,  
Para metter-me na policia o pão !

Eu preso fui, e na enxovia immunda  
Barbara tunda sem tardar soffri ;  
A' vista, pois, de tanta bordoadã,  
Nã tendo nada que fazer,—morri.

Certo jornal que n'esse tempo havia  
Descobre um dia o meu martyrio atroz,  
E o vice-rei, sujeito de sabença,  
Ouvio da imprensa a auctorisada voz.

Mas da policia certifica o medico,  
Encyclopedico cirurgião,  
Que eu, que a pauladas tinha succumbido,  
Tinha morrido de uma congestão.

O Vidigal, rafeiro diligente,  
Incontinente manda-me exhumar,  
E o meu cadaver, desasocegado,  
Foi transportado para outro logar.

Fallou-se d'isto no Brazil inteiro  
 E no estrangeiro se fallou tambem ;  
 Quando julgaram ter do crime a prova  
 Na minha cova não se achou ninguem.

Depois de um seculo esta pobre ossada  
 Foi encontrada n'uma escavação :  
 Contar á imprensa eu venho esta chalaça ;  
 Proveito faça-lhe a revelação.

Quanto a esta quilha de uma caravella,  
 Ao lado d'ella collocado fui...  
 Porque razão? Gracejo foi? Foi sério?..  
 Eis o mysterio que ninguem possui.

(*Sae.*)

## SCENA XII

FAUSTINO, JOGATINA, depois o DIARIO DE NOTICIAS e a ILLUSTRISSIMA, depois um MOÇO DE RECADOS.

FAUSTINO.— Não me dirás por que aquelle caixa de ossos fez a sua longa narração em recitativo ?

JOGATINA.— Não sei; naturalmente porque os recitativos estavam já em moda no seculo passado.

FAUSTINO.— E dizer que ainda hoje se ouve o *Amor e medo* nos chás de familia !

DIARIO DE NOTICIAS, *entrando com a Illustrissima*.— Eis-me aqui, especialmente arranjado para festejar o sete de Setembro ! (*Traz casaca amarella, col-*

*lete verde e calças com uma perna verde e outra amarella.)*

ILLUSTRÍSSIMA. — Estás muito bem, acredita.

JOGATINA. — Um papagaio...

UM MOÇO DE RECADOS, *entrando*. — V. S. é que é o Diario de Noticias?

DIARIO DE NOTICIAS. — Sim, senhor: que pretende?

MOÇO. — Aqui tem esta carta.

DIARIO DE NOTICIAS, *depois de abrir*. — E' uma fabula de Lafontaine.

MOÇO. — Tenho mais estas para o Jornal do Commercio, Gazeta de Noticias, Paiz, Gazeta da Tarde, Apostolo...

DIARIO DE NOTICIAS. — Entre! entre!  
(*O moço sae.*) Que alluvião de fabulas!  
O que val é que esta está bem traduzida.

JOGATINA. — Oh! que gente exquisita a que ahi vem!

### SCENA XIII

FAUSTINO, JOGATINA, O DIARIO DE NOTICIAS, a ALFACE, a CENOURA, a ABOBORA, o REPOLHO, o NABO e outras HORTALIÇAS, que entram marchando.

CÔRO.

Aqui estão as hortaliças;  
Quingombós,  
Couves e gilós,  
Quiabos,  
Nabos  
E nabiças!  
Soffrer injustiças  
E' coisa atroz!

(*Solemnemente.*)

Escreva a imprensa quatro linhas,  
Sobre as malditas barraquinhas !  
— Ora aqui está ao que aqui vimos :  
Bem pouca coisa nós pedimos !

DIARIO DE NOTICIAS.

Oh, que balburdia  
Fazem vocês !  
Cad'um que falle  
Por sua vez !

ABOBORA, ALFACE e CENOURA.

Vá lá ! nós tres !...

COPLAS.

I

CENOURA.

Nós viviamos, em sociedade,  
Lá no mercado em doce paz...

ALFACE, *apontando para a Illustris-*  
*sima.*

Mas a Municipalidade  
Subito zás que lhe darás !

ABOBORA.

Pois com rigor  
As barraquinhas quiz impor,  
Fez-se greve  
Sem tardar !  
Ninguem deve  
O que não deve pagar.  
Do jornalismo a protecção  
Viemos pedir com promptidão !  
Se a imprensa escreve  
Sobre esta grêve,  
Vencida já  
A coisa está !

CÔRO.

Fez-se grêve, etc.

II

ALFACE.

Todos nós guardamos mysterio  
Quando esta grêve se formou...

CENOURA.

O quingombó mostrou criterio  
E d'esta vez não escorregou...

ABOBORA.

Em conclusão :  
Sendo precisa uma licção,  
Fez-se grêve, etc.

CÔRO.

Fez-se grêve, etc.

DIARIO DE NOTICIAS.

Eu sou o mais novo dos jornaes ;  
Ide fallar aos maioraes !  
N'outro salão a Imprensa está.  
Ide por cá.

CÔRO.

Vamos por cá.

Fez-se grêve, etc.

(*Saem as hortaliças.*)

O DIARIO DE NOTICIAS, á *Illu trissima*,  
*mostrando-lhe as horas.* — São horas da  
sua festa : vamos !

ILLUSTRISSIMA.—Vamos !

JOGATINA.—Estas hortaliças abriram-  
me o appetite !

FAUSTINO.—Se a gente fosse almoçar ?

JOGATINA.—Está dito, e de lá, toca a providenciar para arranjar a barraquinha.

FAUSTINO.—Bravo ! (*Saem a correr enlaçados. Mutação.*)

## QUADRO DECIMO QUINTO

As barraquinhas da praça da  
Acclamação

### SCENA PRIMEIRA

TRABALHADORES, BARRAQUEIROS, depois  
FAUSTINO e JOGATINA.

(*Ao levantar o panno, alguns trabalhadores estão dando a ultima de mão ás barraquinhas. Outros armam ao fundo um fogo de artificio. Varias pessoas do povo estão á espera de que comece a feira.*)

FAUSTINO, *entrando, a Jogatina.* — Mas, então, qual é a nossa barraca ?

JOGATINA — Aquella. E' bonita, heim ?  
« A' barraca da fidelidade. »

FAUSTINO.—Da fidelidade, gósto. Mas sempre queria que me disseses como sem vintem podeste arranjar as coisas.

JOGATINA.—Para que me serve ter labia, e ser demonio, além de moça bonita ? O homem das barracas dá tudo prompto, e pagaremos o aluguel por semanas vencidas.

FAUSTINO.—Magnifico !

JOGATINA.—Vae, pois, tomar posse, enquanto eu vou contractar um piston,

um clarinette e um ophicleide para formar uma banda. (*Sae*)

FAUSTINO.—Bravo! temos banda! Ella fallou em ophicleide: não vá o Trabalho vir por ahí! (*Vae a sahir.*)

## SCENA II

FAUSTINO, O TRABALHO

TRABALHO, *disfarçado em fogueteiro, com um foguete na mão.*—Um momento.

FAUSTINO, *voltando-se.*—Então? Que disse eu? —(*Desata a correr e desaparece.*)

TRABALHO.—Eu vinha passar-lhe um foguete. Oh! mais dia, menos dia, hei de vel-o com «vulgo» e assignando termo de bem viver. (*Vae para o fundo e desaparece.*)

## SCENA III

COMMENDADOR, CAROLINA, depois o  
POLICIA NOCTURNO.

COMMENDADOR.—Aqui tens tu as barraquinhas. Está feita a tua vontade contra a minha... Os guayamús puzeram a bandeira no fio telegraphico, o que, na opinião do *Diario de Noticias*, quer dizer que temos sarilho feio...

CAROLINA.—Qual o que, papae! Não creia!

COMMENDADOR.—Acho bom; mas, quando vier por ahí alguma navalha desgarrada, como aconteceu no rolo do largo de S. Francisco...

CAROLINA.—Ora, papae! deixe-se de medos... Um barão!

COMMENDADOR.—E então que tem isto? Um barão tambem tem tripas! Tripas

nobres, é verdade, mas tem-nas. Eu sou liberal, ultra liberal, liberal da velha guarda; mas façam-me ministro da justiça, e verão se não dou cabo dos capoeiras! Felizmente um jornal inventou e o commercio está tratando de organizar a policia nocturna... (*O Policia nocturno vae atravessando a scena. E' um velho coxo e coberto de velhas armas, de um tamanho exagerado.*)

POLICIA NOCTURNO.—Quem me chama?

CAROLINA.—Ah!

POLICIA NOCTURNO.—Não se assuste, minha menina: não sou um perturbador, mas um garantidor da ordem. Sabendo que se ia formar a policia nocturna...

COMMENDADOR.—Pretende servir-lhe de modelo?

POLICIA NOCTURNO.—Ah! q, u, i, qui. Vou á rua do Ouvidor apresentar-me ás pessoas incumbidas da organização...

COMMENDADOR.—E espera ser aceito?

POLICIA NOCTURNO.—Que duvida! Cem homens como eu, e assim armados, era uma vez o ultimo gatuno! (*Comprimenta e sae, com altivez comica.*)

COMMENDADOR.—Pois sim, cem policia nocturnos como aquelle, e mudo-me do Rio de Janeiro. Eu sou li...

CAROLINA.—Papae... olhe... que é aquillo? (*Aponta para fóra.*)

COMMENDADOR.—Aquillo?... Espera... Parece um comparsa do drama *Guarany*... E é mesmo! (*Entra o Coroado.*)

## SCENA IV

Os mesmos, o COROADO.

COMMENDADOR.— O' amigo! (*O coroadado não responde.*) Eh! amigo! (*O coroadado volta-se espantado.*) Quem é você, que anda assim vestido, para não dizer despido, pelas ruas?

COROADO

COPLA.

(*Musica de Gomes Cardim.*)

Pericumán, Manhuassú,

Cajapió, Cururupú.

Icarahy, Baturité,

Curupaity, Muriahé.

Itaoca,

Tapioca,

Jurujuba, Guajará,

Indabyba,

Parahyba,

Pindaguaratinguetá!

COMMENDADOR.— Fiquei na mesma: isto não é um homem: é uma carta geographica do Brazil!

## SCENA V

Os mesmos, ALEXANDRE.

ALEXANDRE — E' inutil dirigir-lhe a palavra, meu tio; esse homem não falla portuguez: é um coroadado.

COMMENDADOR.— Um coroadado! (*Tirando vivamente o chapéo.*) Oh! sire!

ALEXANDRE. — Ponha o chapéo... E' um selvagem da trilha dos coroados.

COMMENDADOR, *pondo o chapéo.*—Ora, um selvagem !

ALEXANDRE.—Só falla o guarany.

CAROLINA.—E não o canta ?

ALEXANDRE, *apertando-lhe a mão.*—O guarany, idioma.

COMMENDADOR.—Ah! esse até eu fallo!

CAROLINA.—Papae ?

COMMENDADOR.—Ora ! ora ! ora ! (*Ao indio.*) Paraquerê curoatá ? (*O indio olha tolamente para elle*) Paraquerê curoatá ?

COROADO, *exprimindo se muito bem.*—Ora, meu caro senhor, isso nunca foi guarany. (*Sae.*)

COMMENDADOR, *depois de uma pausa.*—E eu fiquei com cara de lorpa ! Estes selvagens nada têm de civilizados !—Vem cá, Alexandre : que se diz por ahí de politica ?

ALEXANDRE.—Quanto á politica interna, nada de novo... o tal projecto passa com certeza... Do exterior é que temos um telegramma importante.

COMMENDADOR.—Sim ?

ALEXANDRE.— Participando que os allemães se apoderaram das ilhas Carolinas.

COMMENDADOR, *cantando sem acompanhamento.*

Carolinas ! que ilhas são esta ?  
Onde estão, aih meu Deus! de quem são ?

ALEXANDRE.

São do reino hespanhol, que protesta,  
Contra a gana do reino allemão.

(*Tem anoitecido pouco a pouco ; as barraquinhas começam a illuminar-se, e o povo a affluir.*)

COMMENDADOR.—Isto começa a encher-se, e para apertos de povo não serve o filho de meu pae... Toma conta de tua prima, Alexandre... Já é tua noiva...

ALEXANDRE.—O seu braço, Carola.

COMMENDADOR.—VAMOS até o circo, gosto muito do palhaço Augusto... Arreda, que elles ahí vêm ! (*Fugindo de uma malta de capoeiras, que vem á frente da charanga.*) Eu sou ultra liberal, mas não se me dava de acabar com estes patifes ! (*Desapparece com a familia.*)

## SCENA VI

JOGATINA, FAUSTINO, BARRAQUEIROS, UM CREOULO.

(*Jogatina atravessa a scena tocando violão e acompanhada por tres musicos, que tocam outros instrumentos. Entram todos na barraca de Faustino, que apparece encarapitado, para gritar, quando a musica cessa*)

FAUSTINO.—E' a ultima dezena ! Oitenta e um a noventa !

JOGATINA, *apparecendo*.—Cincoenta e um a sessenta !

UM CREOULO, *do outro lado*.—Um perú ou seis pellegas ! Vae-se tirar o numero para ver quem é o felizão ! (*Sacode a cuixa dos numeros.*) Muita limpeza !

JOGATINA.—A A ultima dezena! Cincoenta e um a sessenta!

CREOULO, *cantando o numero.*  
—Vinte e sete!

UM SUGEITO, *do povo.*—Cá está! cá está!

CREOULO.—Quer o perú ou as pellegas?

UM BARRAQUEIRO.—Numeros vinte e deseseis! São os ultimos! Dous mil réis ao primeiro e dez tostões ao segundo! Olha o Joquio Rio-grandense!

(Vozes desencontradas, deixando, contudo, perceber o dialogo.)

FAUSTINO, *apparecendo.*—Safa! estou cançado!

JOGATINA.—Pois descancemos um pouco. Que menina é aquella que alli vem? Será algum collegio?

FAUSTINO.—Não sei, vamos ver. (*Desce para a scena; Jogatina imita-o.*)

## SCENA VII

FAUSTINO, JOGATINA, POVO, a ILLUSTRIS-SIMA, 1º, 2º, 3º 4º MENINOS, e mais 17 MENINOS, formando uma escada. Os passeantes agrupam-se. Cessam os pregões.

MARCHA E CÔRO DOS MENINOS.

(*Musica de Gomes Cardim.*)

Nós somos os vinte e um :  
Não falta aqui nenhum !  
Barulhentos,  
Turbulentos,

Prazeiros,  
Desordeiros,  
Nós somos os vinte e um:  
Não falta aqui nenhum!

CÔRO GERAL.

Cá estão os vinte e um:  
Etc.

JOGATINA.

Tantos meninos, meu Deus!

ILLUSTRISSIMA.

Pois são todos filhos meus!

JOGATINA.

Tem vinte e um filhos a matrona!  
Gabo a pachorra de tal pae!  
Quem elle é, senhora dona,  
Se faz favor, dizer-nos vae!

ILLUSTRISSIMA.

Pois não, pois não: é o municipio!

FAUSTINO.

E' o municipio!

JOGATINA.

E' o municipio!

CÔRO.

E' o municipio, o municipio.  
Ditoso pae de vinte e um!  
E' o municipio, o municipio!  
Todos aqui estão, sem faltar nenhum!

ILLUSTRISSIMA.

Agora, meus queridos filhos,  
Vamos nós todos passear;

Mas não me sejam peralvilhos,  
Pois não desejo me zangar.

(*Repetição do côro. Sae a Illustrissima com dezeseite dos vinte e um meninos.*)

### SCENA VIII.

Os mesmos, menos a ILLUSTRISSIMA e OS  
17 MENINOS figurantes.

JOGATINA, *aos quatro meninos que ficaram.*—Então, nhonhês, não quiseram ir com mamãe?

1.º MENINO.—Não fumos, não sinhô: nós aqui ficuemos milhó: podemos pintá.

JOGATINA.—Ah! a velha é rabugenta?

1.º MENINO.—Nem por isso. A's vez pinta cumo nós. Mas é que nós quer fazer uma coisa de que talvez ella não góste.

CREOULO.—Muita limpeza! O bello casal de gallinhas do Japão ou seis pellegas!

BARRAQUEIRO.—Olha essa estrada de ferro que vae andar!

CREOULO, *cantando*.—Trinta e cinco!

UM HOMEM DO POVO.—Prompto! Venham as pellegas!

JOGATINA, *que tem estado a fallar baixo com os meninos e Faustino.*—Então decididamente não nos querem dizer qual é o plano?

1.º MENINO.—Bôas! você era capaz de contá a mamãe, que diria tudo a seu mestre.

JOGATINA — Pois não sabiremos d'aqui sem ver o que vocês çuerem fazer !

2.º MENINO. — Vocês não diz nada ?

JOGATINA. — Não dizemos, não : palavra.

2.º MENINO. — Jure !

JOGATINA, *beijando uma cruz que faz com os dedos.* — Juro, ahí está !

1.º MENINO. — Pois lá vae: Devem vir d'aqui a pouco uns meninos ricos, que têm uns brinquedos bonitos... Que cavalinhos ! velocipedes, boisinhos... principalmente os boisinhos. Que boisinhos !

2.º MENINO. — Parecem bois de verdade.

1.º MENINO. — Nós então qué dá muita pancada nelles e não deixá elles passá...

JOGATINA. — Ora, fazem mal... O melhor é obrigar-os a pagar qualquer quantia, e deixal-os depois...

FAUSTINO. — E' ; vocês compram biscoitos, doces...

1.º MENINO. — Bem lembrado ! (*Aos outros.*) Tá dito ?

Os OUTROS. — Tá dito !

1.º MENINO. — Olhe, lá vêm elles c'os boisinho.

JOGATINA. — Avante ! Ou pagam ou não passam !

FAUSTINO. — Que diabo ! Vé lá o que vaes fazer !

JOGATINA. — Deixa-os. (*Os quatro meninos collocam se em linha do lado opposto áquelle por onde entram os quatro meninos ricos, com boisinhos que arrastam por meio de um cordel.*)

## SCENA IX

Os mesmos, OS QUATRO MENINOS RICOS, depois a ILLUSTRÍSSIMA, depois o MESTRE-ESCOLA.

1º MENINO. — Alto ahí! Co boisinho n'nguem passa sem pagá!

1º MENINO RICO. — Menos isso! a gente ka de passá!

1º MENINO. — Cinco niques cada boisinho! Deus niques para mim, que sou o mais véio, um nique p'ra Juca, outro p'ra Jojoca, outro p'ra Cazuzá!

FAUSTINO, *baixo ao 1º menino*. — Vê se arranjas também um para mim.

1º MENINO. — Venha os niques ou sae rolo!

1º MENINO RICO. — Teme; não faço caso de miserias. (*Dá os niqueis e passa com o boisinho.*)

1º MENINO. — Venha dos outros! (*Os outros pagam e passam.*) Agora vamos reparti.

FAUSTINO. — Olha lá, não te esqueças!

ILLUSTRÍSSIMA, *voltando*. — Juca! Cazuzá! Jojoca! Tonico! Onde se metteram estas crianças?

JOGATINA, *aparte*. — Que crianças!

ILLUSTRÍSSIMA. — Ah! lá estão elles! Que estão fazendo ahí, meninos? (*Vendo o dinheiro.*) Niqueis!... Onde arranjam vocês tanto dinheiro?

1º MENINO. — Eu tirei nos cavallinho, sim, senhora.

2º MENINO. — Foi um moço que me deu p'ra comprá bala.

FAUSTINO, *aparte*. — Não me deram nada? Espera! (*Alto.*) E' mentira! não

foi nos cavallinhos: foi nos boisinhos... Tiraram de outros mēninos, que traziam uns boisinhos.

ILLUSTRÍSSIMA.—Oh, atrevidos! ainda bem que lá vem o mestre! Elle é que póde com vocês! (*Ao mestre-escola, que entra solememente.*) Seu professor, estes malcreados tiraram dinheiro de uns meninos, que vinham com boisinhos!

MESTRE-ESCOLA.—Grave!...grave!... muito grave!... Vou suspendel-os do recreio... Estão suspensos! Marche! (*Aponta para fóra.*)

OS MENINOS, *sahindo*.—Fomos suspensos! Ih! ih! ih! (*Saem fazendo berreiro. O mestre-escola e a Illustríssima saem também.*)

JOGATINA.—Vamos, para a barraca! Tratemos da vida! (*Recomeçam os pre-gões. Animação. Musica de charanga. Confusão geral.*)

VOZES.—Lá vae começar o fogo!

TODOS.—Ao fogo! ao fogo!...(*Começa a arder uma roda de fogo de artificio. Mutaçãõ.*)

## QUADRO DECIMO SEXTO

Em casa do Commendador.

### SCENA PRIMEIRA

ALEXANDRE, CAROLINA.

CAROLINA.—Estou commovida, Xandico: é a primeira vez que venho á casa de papae depois de casada.

ALEXANDRE.—Ha oito dias apenas.

CAROLINA.—A nossa primeira visita pertencia-lhe de direito. Elle estará em casa ?

ALEXANDRE.—E' provavel ; bem sabes que, depois da historia do titulo falso, poucas vezes sae.

CAROLINA.—Aquelle Faustino, heim ?

ALEXANDRE.—Não te dizia eu que era um bilontra ?

CAROLINA.—Bi ? Trilontra, digo eu !

ALEXANDRE.—O que nos vale é que o jury, a que hoje vae responder, deve dar-lhe uma lição.

CAROLINA.—Bem ; não falles mais naquelle maldito, mesmo por que ahi vem papae.

## SCENA II

Os mesmos, o COMMENDADOR.

COMMENDADOR.— Oh ! meus filhos ! que agradavel surpresa ! Já tencionava hoje ir vel-os... (*Abraça-os*) se a politica me deixasse. A ascenção do meu partido... do grande partido conservador...

CAROLINA.— Uê ! papae é conservador ?

COMMENDADOR.— Se sou conserv... se sou conservador ? ! Homem, essa agora ! Fui, sou e serei conservador de principios, conservador da velha guarda !... Intransigente !... .

ALEXANDRE.— Oh ! meu tio... ainda ha poucos dias dizia-se liberal...

COMMENDADOR.— Eu ?... Eu dizia-me liberal ?... Você está sonhando... Ora

eu liberal ! Eu, que fui esbulhado por uma camara liberal ! Eu ? ! Havia de ter graça !

CAROLINA. — Papae é governista... não é elle que muda, são os governos.

COMMENDADOR. — Agora é que tu disseste a verdade... Sempre firme no meu posto... O que eu quero é deixar a meus filhos uma patria moralizada... Ora eu liberal !...

CAROLINA. — Papae está todo encasacado... Ia sahir ?

COMMENDADOR. — D'aqui a pouco. Estou á espera de alguns amigos politicos, que me acompanham desde os bancos academicos.

CAROLINA. — Papae nunca andou na academia...

COMMENDADOR. — Isto é um modo de dizer. Amigos firmes, de todos os tempos, que vêm buscar-me para irmos comprimentar o novo gabinete, a aurora da regeneração ! Já era tempo ! Este malfadado paiz ia de todo á garra com os taes liberaes ! Sete annos, sete mezes e duas vezes sete dias de governo, irra !

CAROLINA. — Papae hoje está muito politico...

ALEXANDRE. — Como sempre !

CAROLINA. — ... e nós ainda temos que fazer muitas visitas antes de jantar. Quer ir connosco á noite ás kermesses ?

COMMENDADOR. — Não tinha eu mais que fazer.

ALEXANDRE. — Pois nós vamos a cinco. Agora é moda.

CAROLINA. — Até quando ?

pletamente, ao menos pagar o premio e reformar a cautella... Maldita Jogatina! Ainda agora passei por ella: lançou-me um olhar de soberano desdem. Pudera! a sua obra está consummada.

OCIOSIDADE, *entrando*.—Faustino!

FAUSTINO.—Tu?! Some-te de minha presença, mulher maldita!

OCIOSIDADE.—Vem commigo, e ainda serás feliz!

FAUSTINO.—O mesmo já me prometteste um dia... Some-te!

OCIOSIDADE.—Vem!

FAUSTINO.—Não! (*Estabetece-se uma lucta entre os dous*).

TRABALHO, *entrando e repellindo a Ociosidade*.—Para traz!

OCIOSIDADE.—Ainda d'esta vez hei de vencer!

TRABALHO.—Para traz! (*A Faustino, que se lhe atira nos braços.*) Estás salvo! Só nos braços do Trabalho encontrarás a regeneração.

FAUSTINO.—Obrigado.

TRABALHO, *descendo ao proscenio*.

immortal Victor Hugo, encarnação da Arte,  
O magestoso vulto encheu da Gloria o templo;  
— Ociosidade vil e estúpida, mostrar-te  
quero do Trabalho este sublime exemplo.

...ulento Homero, o singular Virgilio,  
...mais, que a gloria são da velha Humanidade,  
...divino, eterno e luminoso exilio  
...n-se de acolher o fulgido confrade.

Hugo deixou no coração dos povos  
...go e longo sulco astrifero e profundo;  
...ndes livros seus, eternamente novos,  
...dos em França e dadas no mundo.

Por berço teve a França estremecida sua,  
Porém por patria a Patria universal, immensa ;  
Foi patricio de todo aquelle que possua  
Um coração que bate e um cerebro que pensa ;

*(Aponta para o fundo. Mutação.)*

---

**QUADRO DECIMO-SETIMO**

APOTHEOSE A VICTOR HUGO

*(A orchestra executa a Marselheza.)*





---

TYPOGRAPHIA DO — DIARIO DE NOTICIAS —

118 RUA DO OUVIDOR 118

---

